

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA**

Vitor Bessa Zacché

CIDADES SOB CLICHÊ IMAGÉTICO
Imaginação espacial e experimentações em poesias visuais

**VITÓRIA
2014**

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Zacché, Vitor Bessa, 1984-

Z13c Cidades sob clichê imagético imaginação espacial e
experimentações em poesias visuais / Vitor Bessa Zacché. –
2014.

63 f. : il.

Orientador: Antônio Carlos Queiroz Filho.

Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal
do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Geografia. 2. Clichês. 3. Poética. 4. Cidades e vilas. 5.
Espaço urbano. I. Queiroz Filho, Antonio Carlos. II. Universidade
Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e
Naturais. III. Título.

CDU: 91

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA**

CIDADES SOB CLICHÊ IMAGÉTICO
Imaginação espacial e experimentações em poesias visuais

Vitor Bessa Zacché

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Queiroz Filho.

VITÓRIA

2014

“CIDADES SOB CLICHÊ IMAGÉTICO: IMAGINAÇÃO ESPACIAL E EXPERIMENTAÇÕES EM POESIAS VISUAIS”

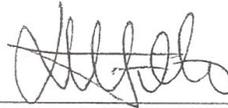
VITOR BESSA ZACCHÉ

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Aprovada em 25 de Abril de 2014 por:



Prof. Dr. Antonio Carlos Queiroz Ó Filho - Orientador - UFES



Prof. Dr. Valdelino dos Santos Filho - UFES



Prof. Dr. Eduardo José Marandola Jr. - UNICAMP

Agradecimentos:

O curso de mestrado só pôde ser realizado devido ao apoio substancial concedido por minha família, o lar acolhedor e referencial ao qual eu e meus irmãos, André e Milena, fomos educados foi peça chave para a conclusão dessa etapa da minha vida.

Sendo a Universidade o meu segundo lar, agradeço ao Orientador Carlos Queiroz pelo acolhimento e direcionamento para a realização do estudo. Com muito carinho sou sempre grato a Professora Gisele Girardi por tudo que conversamos nessa caminhada. Com igual precisão ao Grupo de estudos RASURAS que compartilhou o passo a passo desse caminho percorrido.

Aos camaradas de percurso Rafael Borges, Carol Pisa e Bruno Bissoli que me ajudaram a “calçar os pés” para tal caminhada. Às minhas queridas: Marcela Matos e Thais Lemos que leram com carinho e contribuíram com a revisão textual dessa dissertação.

Agradecimentos também a CAPES que custeou esse período de estudos.

Dez anos se passaram desde o ingresso na graduação em Geografia até a conclusão deste estudo, muitos amigos se fizeram no curso e na Universidade como um todo, então agradecimento sim a nossa carinhosamente “mãe” UFES e a todos os irmãzinhos que nela convivem diariamente e contribuíram de uma forma ou de outra para eu lá habitar também.

Foi necessário atentar-se para dizeres artísticos e isso não seria possível sem inspirações evidenciadas por Betina Gatti, Didico, Paulo Socó e Piatã Lube, e às boas conversas que me fizeram entender um pouco da dimensão artística e poética.

Compreensões que se fizeram em andanças e extensas conversas com Pedro Henrique Lucci, grande amigo e Geógrafo, “Guarapa”, me mostrou como o “menor” possui tão grande dimensão política. Devo também agradecer a ele a amizade que surgiu com Senhor Lourival, agricultor amigo e provedor de nossas fontes de energias super limpas e saudáveis.

Eder Gonçalves, amigo e mestrando da UFV, que colaborou fundamentalmente com a organização e normalização técnica dessa dissertação.

Assim, concluo agradecendo ao divino que concebeu tudo isso aqui na terra.

Axé!

RESUMO

Esse trabalho procurou caracterizar o clichê imagético, articulando-o a exemplos relacionados às cidades providas de pesquisas iconográficas realizadas no *Google Imagens*, dando-se, a partir desse contexto, se deram as rasuras dos clichês imagéticos por poesias visuais. A pesquisa iconográfica específica para a palavra “cidades” direcionou o estudo viabilizando a constatação deste clichê, que, por sua vez, foi enunciado como intermediador de imaginação espacial. As constatações empíricas sobre esta temática fez a pesquisa ser conduzida a cinco nomes de capitais brasileiras, que foram contrastadas com as imagens destas cidades caracterizadas fora do clichê imagético, sendo o formato padrão e estático da propagação das imagens foi o universo sobre o qual orbitou este estudo. Uma vez realizadas as observações sobre esta temática, passou-se à discussão poética referente às imagens captadas, e a partir de então foi feito um diálogo com artistas e poetas ao ponto de se delimitar uma justificativa para que poesias visuais fossem elaboradas rumando para outras grafias de mundo, passando, assim, a enfatizar novas possibilidades, para essas imagens identificadas como clichês. Então, este estudo visa possibilitar novas versões a serem produzidas sobre o mundo, optando pela temática “cidade” para melhor categorizar e referenciar a pesquisa iconográfica, direcionando a discussão acerca de espaços e paisagens urbanas. Para tanto, foram adotados os autores Deleuze e Guatarri, articulando seus diálogos com McLuhan e Watson, adentrando-se à dimensão do clichê e aparando-se na iconografia *Google* e na sua configuração repetida que então passa a evidenciar as características opostas das considerações elaboradas por Doreen Massey, para a imaginação espacial em seu processo fluídico, e não engessado. Pensando nas reverberações de dizeres que se contradizem dessas versões, a imaginação foi evidenciada para além desses processos, atentando-se, assim, às obras poéticas e artísticas de Manoel de Barros ou Valdelino Gonçalves, em que foram verificadas possibilidades de abertura de canais de diálogos com tais clichês, com poesias visuais, em um lançamento para a imaginação, rompendo-os. Em conclusão, foram observadas possibilidades de construções poéticas como dizeres de uma Geografia constituída no imaginário, mas que também possui suas significações perante a realidade, formuladas em rupturas com o dizer totalizante, repetido e homogêneo. Foram evidenciadas, então, essas características como contribuição aos estudos que tangem à temática “Geografia e Imagens”, possibilitando novas reverberações em universos de estudos para essa linha de pesquisa, que procura inovar nas percepções sobre o entendimento das imagens como canal de construção dos espaços geográficos de uma maneira geral.

Palavras-Chave: Clichê imagético, Imaginação Espacial, Poéticas

ABSTRACT

This study sought to characterize the clichéd imagery, linking it to examples related to urban landscapes stemmed iconographic searches made on Google Images , giving up , from this context , a dialogue between the pictorial clichés and visual poetry . The specific iconographic search for the word " cities " directed the study enabling the realization of this cliché , which , in turn , was enunciated as a mediator of spatial imagination . The empirical findings on this issue did the research being conducted at five names of state capitals , which were contrasted with the images of these cities characterized outside the cliché imagery , with the standard and format static propagation of images was the universe on which orbited this study. Once the observations made on this subject , it moved to poetic discussion regarding the captured images , and from then was made a dialogue with artists and poets to the point of defining a justification for visual poetry were prepared headed for other spellings of world, thus going to emphasize new possibilities for these images identified as clichés. So , this study aims to allow new versions to be produced about the world , choosing the theme "city " to better categorize and referencing iconographic research , directing the discussion of spaces and urban landscapes . To this end, Deleuze and Guattari authors were adopted , articulating his dialogues with McLuhan and Watson , entering into the cliché dimension and trimming in Google iconography and its repeated it then goes on to show the opposite characteristics of the considerations made by setting Doreen Massey , for space on your imagination fluid process, not plastered . Thinking about the reverberations of sayings that contradict these versions , the imagination was evident in addition to these processes , paying attention , therefore , to poetic and artistic works of Manoel de Barros or Valdelino Gonçalves , where possibilities of opening channels of dialogue were recorded with such clichés , with visual poetry , in a posting to the imagination , breaking them . In conclusion , possibilities of poetic constructions like saying a Geography constituted the imaginary were observed , but also has its meanings toward reality , formulated in breaks with the totalizing say , repeated and smooth. Then these characteristics were observed as a contribution to studies that concern the theme " Geography and Images " , enabling new universes reverberations of studies for this line of research that seeks to innovate in perceptions about understanding images as channel construction of spaces geographical generally.

Keywords : Cliché imagery , Spatial Imagination , Poetics

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: "Máquina de fazer chão".....	17
Figura 2: Mosaico I – cidade.....	20
Figura 3: Mosaico II - cidade.....	21
Figura 4: Mosaico III – cidade de São Paulo	22
Figura 5: Mosaico IV - Belo Horizonte	23
Figura 6: Mosaico V - Salvador.....	24
Figura 7: Mosaico VI - Rio Branco	25
Figura 8: Mosaico VII - Rio de Janeiro.....	26
Figura 9: Pintura de Esref Argaman.....	32
Figura 10: COPAN SP	36
Figura 11: Estação ferroviária BH.....	36
Figura 12: Fitas Senhor do Bonfim	37
Figura 13: Mapa Acre	37
Figura 14: Supermercado Pão de Açúcar.....	38
Figura 15: "Centro"	41
Figura 16: "Instagram Palavrórico"	44
Figura 17: Bêagá	45
Figura 18: Bêagá em trilhos.....	46
Figura 19: Lembranças.....	47
Figura 20: Acredite.....	48
Figura 21: Acre, acredite.....	49
Figura 22: Panfleto Rio de Janeiro (Se vende: Preços)	50

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. ICONOGRAFIA DO <i>GOOGLE IMAGENS</i> E CIDADES	17
2.1 O CLICHÊ IMAGÉTICO	28
2.2 IMAGINAÇÃO ESPACIAL	31
2.3 OUTRA IMAGEM: A GEOGRAFIA	33
3. POÉTICAS ESPACIAIS E IMAGENS	40
3.1 EXPERIMENTAÇÕES EM POESIAS VISUAIS	42
3.2 DIZERES DE POESIAS	51
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
5. REFERÊNCIAS	61

1. INTRODUÇÃO

Ao observar a propagação de imagens que visam retratar as cidades por meio da Internet, especificamente no *website Google Imagens* inúmeras fotografias são mostradas repetidamente, sob uma estética visual padronizada. Traduzindo-se, dessa forma, por uma iconografia caracteristicamente repetida.

Pesquisando no mesmo *website* por nomes de capitais brasileiras, os resultados organizaram-se em mosaicos de imagens também padronizados, salientando a lógica repetitiva que tal ferramenta possui para mostrar imagens destas cidades (QUEIROZ FILHO, 2013).

Os indiciamentos atribuídos às características dessa iconografia contribuíram para a fundamentação do clichê imagético a partir da lógica da ferramenta de pesquisa no *Google Imagens*, evidenciando como a iconografia repetida, estabelecida por esta ferramenta da internet, pode atuar enrijecendo a imaginação espacial.

A partir de tal abordagem, foram elaboradas experimentações práticas em poéticas visuais, utilizando-se referenciais artísticos e poéticos, no intuito de dar vazão a outras possibilidades de se imaginar o espaço para além das iconografias encontradas no *website* em questão. Realizando assim o questionamento dos modelos que atribuem padrões às imagens, e conseqüentemente à geografia.

Iconografia do *Google Imagens* e cidades:

Por meio da internet imagens são propagadas em abundância e os lugares são apresentados ao mundo (OLIVEIRA JUNIOR, 2009b). Através da pesquisa iconográfica no *website Google Imagens* observou-se que a propagação imagética ocorre através de inúmeras imagens que são mostradas sob uma estética visual padronizada.

Nesse sentido foram realizadas duas pesquisas iconográficas em tal *website*, sendo que na primeira foi feita a pesquisa para a palavra “cidade” e na segunda para 05 nomes de capitais brasileiras: “São Paulo”, “Belo Horizonte”, “Salvador”, “Rio

Branco” e “Rio de Janeiro”. As quais resultaram nos mosaicos de imagens submetidos ao estudo.

A análise da propagação imagética estabelecida pelo *Google Imagens* por meio da internet incorreu sobre as potencialidades desta enquanto modeladora de pensamento e imaginação sobre o espaço. Para Oliveira Junior (2009c, p.10), estas imagens estariam ainda a grafar em nós pensamentos sobre o espaço geográfico.

Vale citar os dizeres de Vilém Flusser (1985, p. 09), para quem as imagens se dão como “mediações entre homem e mundo, tem o propósito de representar o mundo, mas interpõem-se entre mundo e homem. Desejam ser mapas do mundo, mas assim passam a ser biombos”. Verificou-se assim, como esta condição da imagem contribui para o enrijecimento da imaginação espacial e geográfica a partir do que ela faz visível.

Dado o fenômeno da grande acessibilidade às imagens e como estas se pautam em “doses de realidade” (OLIVEIRA JUNIOR, 2009a), fez-se importante questionar a iconografia repetida do *Google Imagens* e como essa estaria estabelecendo modelos de pensamento e de imaginação em nosso cotidiano, por meio da repetição como forma de reducionismo:

“[...] a repetição é uma forma de reducionismo, nesses termos vemos uma redução da vida urbana à mobilidade e por sua vez, uma redução da idéia de (cidade) a determinados temas e a redução desses temas à uma forma de abordagem / entendimento, todos alimentados e retroalimentando uma determinada lógica / concepção de cidade e de mundo que se pretende única via estética e política visual” (QUEIROZ FILHO, 2013, p. 86).

Clichê imagético e imaginação espacial:

A repetição estabelecida na iconografia do *Google Imagens* fundamentou o clichê imagético e, suas potencialidades. No tocante à imaginação espacial essas ocorreram em acordo com a afirmação de Peixoto (1996, p.40). Para tal autor “os clichês nos permitem apreender apenas o que nos interessa das coisas”.

Oliveira Jr. (2009c) frisa, ainda, que para além de a imagem ser uma realidade em si mesma ela nos faz mirar o mundo da maneira como ela o apresenta, não propriamente a imagem, mas a localização dela no discurso acerca do espaço.

Logo, as características das iconografias resultantes das pesquisas realizadas apontaram para a conceituação do clichê imagético (MCLUHAN; WATSON, 1971; DELEUZE, 2007), evidenciando então como estes são favorecidos pela lógica da ferramenta de pesquisa *Google Imagens*, e influenciam a imaginação espacial, sob uma perspectiva, um olhar.

Nesse sentido, estariam tais discursos modelados por imagens sobre as cidades, pautados em realidades demonstradas através dos clichês imagéticos, como um ato reducionista, por se tratarem de “uma imagem através do qual o mundo está sendo feito” (MASSEY, 2008, p. 129). Assim, este modelo estaria oferecendo um discurso prévio sobre as cidades, resumido na repetição.

Poéticas espaciais e imagens:

Dentro deste contexto se deu a possibilidade de referenciar a imaginação espacial, desvinculando-a do clichê imagético das cidades, por meio da poesia visual.

Considerando a imaginação como potência maior da natureza humana, conforme os ensinamentos de Bachelard (2005), foram realizadas experimentações que perpassaram a esfera da iconografia e do que o *Google Imagens* nos quer fazer “ver para crer”.

Assim, a potência poética, como infinita extensão de mundo (MURAD, 1999), foi evidenciada, utilizando-se dela para discutir a imaginação como potência criadora

de um mundo outro escapando à lógica do modelo majoritário atribuído à propagação do clichê imagético no *Google Imagens*.

A idéia de “maioria” em acordo com Deleuze (1995) se dá enquanto estado de poder e de dominação, por outro lado, a de “minoría” como outra determinação, diferente da constante. Nesse sentido, a poesia e a arte repercurtem em outras reverberações diferentes da constante, identificando-se, assim, com a condição de minoria.

Nas palavras de Farah (2008, p.59), “[...] as reverberações poéticas são capazes de romper as barreiras que a ciência encontra para nos revelar os caminhos para a compreensão dos elementos significativos”. Logo a revisitação de obras de poetas e artistas inspirou a divagação sobre o clichê imagético, através das experimentações em poesias visuais.

No artigo sobre poéticas urbanas, Queiroz Filho (2013 p. 83) questiona acerca de uma significativa falta de criação para a Geografia. Então, sustentando-se em Gaston Bachelard e Manoel de Barros o autor afirma que: “Não há Geografia se não houver criação!”, e, assim, ainda nesse artigo, apresenta uma série de estudos que intercalam: Poesias, Imagens e Geografias.

Nesse contexto, permitiu-se a imaginação espacial sob outra fluidez, versando o espaço em experimentações que remetam a considerações pautadas em imaginações potencialmente criadoras de geografias que criem outros olhares sobre o espaço.

Justificativa e objetivos:

Por esse viés, o presente estudo justifica-se em uma pretensão para que sejam criadas possibilidades de um conhecimento espacial “como uma produção aberta, contínua” (MASSEY, 2008, p. 89). Obtendo, por fim, não um resultado final, mas relativo às invenções permeadas por imaginações possíveis acerca do espaço.

“[...] conhecer o espaço é também pensar sobre como ele é inventado diariamente diante de nós pelas câmeras fotográficas e pelas narrativas da tevê, e sobre como ele é criado em nossas próprias práticas educativas, onde aparecem muitos mapas,

fotografias, filmes, pinturas e outras tantas imagens. (OLIVEIRA JUNIOR, 2009c, p.23).

A partir do modelo de organização da iconografia do *Google Imagens*, objetivou-se elucidar como ocorre o clichê imagético e suas atribuições indutoras de uma imaginação espacial “ditada” sobre as cidades, perpetuada por tal modelo de propagação imagética.

Por meio da linguagem poética foram obtidas inspirações que culminaram nas experimentações em poéticas visuais, essas visaram construir imagens que questionaram os clichês imagéticos resultando em outras formas possíveis de se pensar e imaginar as cidades, traçando linhas de fuga (FERRAZ, 2011, p. 5) à repetição estabelecida pelo *Google Imagens* na forma aqui analisada.

A partir das experimentações em poesias visuais ocorreram as tentativas de transbordo desses clichês imagéticos resultantes da pesquisa iconográfica, dando vazão a uma imaginação estimulada por uma Geografia criativa (QUEIROZ FILHO, 2013), permeada por poesias e dizeres que demarcam o espaço por possibilidades imaginativas.

No intuito de gerar uma bagagem categórica para se discutir a propagação das cidades a partir do que é estabelecido pelo sistema do *Google Imagens*, este estudo pretende desconstruir a dimensão desta ferramenta da Internet e propor reflexões sobre os modelos e padrões os quais submetem cotidianamente o imaginário espacial.

Metodologia e Organização da pesquisa:

Para a realização deste estudo foram distinguidas três etapas metodológicas principais, sendo a primeira referente às pesquisas iconográficas realizadas no *Google Imagens*, a segunda, a revisão bibliográfica e a construção dos diálogos os autores como suprimento à discussão teórica e conceitual incumbida ao estudo, e, por fim, a terceira etapa se deu como movimento prático correspondendo através de materialidade poética aos índices elencados como objetos de estudo.

Foram realizadas duas pesquisas iconográficas junto ao *Google Imagens*: uma para a palavra “cidade”, caracterizando a repetição de imagens enquanto

resultados para tal busca e a outra, já como pesquisa referencial evidenciando o clichê imagético, para os cinco nomes de capitais brasileiras: “São Paulo”, “Belo Horizonte”, “Salvador”, “Rio Branco” e “Rio de Janeiro”.

Assim, a partir da primeira pesquisa realizada sobre a palavra “cidade” averiguou-se a repetição imagética como referência para essa palavra. Os dados resultantes, organizados no formato dos mosaicos de imagens, modelados pelo *Google Imagens*, levou a pesquisa para a discussão junto aos referenciais bibliográficos sobre a repetição e as imagens, caracterizando-se o clichê imagético junto à iconografia deste *website* e apontando suas condições para com a imaginação espacial (QUEIROZ FILHO, 2013).

Para tematizar as experimentações poéticas, foi ainda escolhida uma imagem para cada capital. Seleccionadas a partir do *Google Imagens* ocorreram como um ponto de partida para que tais capitais brasileiras fossem imaginadas, reverberando inspirações às experimentações em poéticas visuais.

Por esse sentido, foram sumarizados dois capítulos teóricos sendo o primeiro referente à “Iconografia do *Google Imagens* e Cidades” e o segundo “Poéticas espaciais e Imagens”.

No capítulo dois foi analisada a iconografia do *Google Imagens*, a partir dos resultados da pesquisa realizada em tal *website* com a palavra “cidade” e ainda para os nomes de capitais brasileiros seleccionados.

Esse mesmo capítulo foi desmembrado em três partes, sendo que na primeira foi feita a verificação do modelo de repetição das iconografias do *Google Imagens* sobre cidades, na segunda parte as relações entre a geografia e o modelo de difusão de imagens.

Dando sequencia às reflexões lançadas por esse capítulo, coube ainda caracterizar o clichê imagético e suas possíveis conseqüências para com a imaginação espacial.

A parte prática do trabalho ocorreu com a efetivação das rasuras que foram fundamentadas teóricamente no capítulo três, neste foram apontadas as possibilidades de dizeres para fora do clichê imagético e suas convencionais características para paisagens urbanas, evidenciando as possibilidades poéticas para as imagens, bem como correspondência da poesia para com a imaginação.

Nesse mesmo capítulo, foi realizada a seleção de imagens que serviram de inspiração para as poesias visuais, assim para São Paulo foi selecionada a imagem a partir da pesquisa pelas palavras: “Copan SP”, para São Paulo, para Belo Horizonte: “estação ferroviária BH”, Salvador: “fitas Senhor do Bonfim”, Rio Branco: “Mapa Acre” e Rio de Janeiro: “Supermercado Pão de Açúcar”.

A partir do resultado obtido com tais buscas deram-se as experimentações em rasuras, fundamentadas nas poéticas visuais para cada uma das capitais mencionadas, evidenciando assim o teor imagético a partir da imaginação para tais cidades, resultando nas imagens poéticas como produto deste estudo.

Como fechamento deste capítulo, o item 3.2 trata dos dizeres de poesias, neste tópico objetiva-se elucidar o processo de construção desses poemas visuais, por meio do diálogo que fora traçado entre a imaginação espacial e o ato poético, praticando-se por meio da poesia visual a fuga aos clichês imagéticos.

Nas considerações finais foram apontadas as contribuições para posteriores aferições e grafias de mundo. Para tanto, foram apresentadas narrativas que se investem da imaginação e da experiência no intuito de dizerem do mundo, utilizando-se das imagens para evidenciar o processo de imaginação espacial, ao invés dos pronunciamentos formatados pelos clichês imagéticos.

2. ICONOGRAFIA DO GOOGLE IMAGENS E CIDADES



Figura 1: "Máquina de fazer chão"

Emaranhadus pensantis

Modus Moldandis

Máquina ambulante

(Acervo pessoal)

Sim! A repetição, o modelo, o mecânico. Estão os blocos sendo organizados repetidamente pela máquina, constroem a rua, não existe bloco fora. A máquina, operada, constrói passo a passo. De sua repetição infalível resulta a rua. Imaginação empenhada, produção constituída. A Máquina não pode parar, não há rua sem a máquina, não há rua sem a máquina?¹

Associando a dimensão do *Google Imagens* às iconografias sobre cidades, esta ilustração remete ao processo do aparelho e a repetição. Para Flusser (1985, p. 102). "Imagens são superfícies sobre as quais circulam o olhar. Aparelhos são brinquedos que funcionam com movimentos eternamente repetidos".

Sob esse viés, imaginação e poesia atuaram rompendo com a repetição estabelecida pelo aparelho, exemplificada em sua iconografia sobre as cidades.

¹ Experimentação idealizada a partir de reuniões laboratoriais do Grupo de Estudos Rasuras (UFES).

Entende-se por iconografia em seu significado mais simples, a agregação de imagens na representação de determinado tema. “O termo ‘**Iconografia**’ provém do grego ‘*eikon*’ que significa imagem e ‘*graphia*’ que significa escrita, ‘escrita da imagem’”.²

Vale dizer que o sistema de busca *Google Imagens* opera sob uma lógica que atrela “busca – correspondência – clique – acesso”, e nesse “*modus operandi*” as buscas são realizadas e as palavras se transformam em imagens na tela do computador.

“Ao pesquisar no *Google Imagens* por alguma palavra, o buscador nos retorna com uma sequência indexada e organizada pela “relevância” que é dada a partir de algoritmos que classificam os resultados por meio de diversas métricas” (QUEIROZ FILHO 2013, p.85).

No que se refere à relevância dos resultados obtidos pela busca, esta é medida de acordo com o número de acessos naquele *website*, então quanto mais acessos, mais no topo da página aquelas imagens aparecem, nesta ordem, repetindo várias vezes a mesma imagem para o tema buscado, o que pode ser facilmente notado nos mosaicos de imagens resultantes.

Essa iconografia distinta, resultante das pesquisas no *Google Imagens*, e as suas relações com a imaginação espacial, segundo Rebello (2013, p. 61) “passa a nos informar sobre o contexto, os pensamentos de uma cultura e suas convicções filosóficas, vertendo subsídios para analisar as idéias implicadas no seu imaginário”.

Sendo assim, os discursos constituídos por essa iconografia são realidades que se dão sob uma repetição conjecturada, quase que totalmente por imagens fotográficas. Manini (1996/1997, p.12) evidencia que a fotografia é “Algo previamente interpretado - pelo fotógrafo - seja esta fotografia uma imagem histórica, um documento, ou não”.

Concluindo essa idéia, aparentemente a organização dessas imagens na tela do computador a partir da utilização da pesquisa no *Google Imagens* não transmite uma informação precisa, apenas repete interpretações previamente realizadas. E,

²Iconografia por Fernando Rebouças; disponível no site <http://www.infoescola.com/artes/iconografia/> bib_virtual@ibict.br em 15 de julho de 2005, acessado em Julho de 2013 (REBOUÇAS)

como no *Google Imagens* as repetições são nítidas e as fotografias imperam na tela do computador, praticamente sob única ótica, assim estaria essa ferramenta a ver o mundo por nós.

O mosaico de imagens resultante para a palavra cidade evidenciou uma iconografia caracteristicamente repetida sobre o conteúdo pesquisado, contendo imagens muito semelhantes e repetidas, diga-se, um apelo às paisagens urbanas, submetendo-as a uma estética visual padronizada, sendo a maior parte das imagens fotografias de cidades, de uma angulação similar e obedecendo a um cenário com poucas variações.

Verificou-se, ainda, que a iconografia do *Google imagens* “bombardeia” a informação imagética sob repetição, como pode ser exemplificado por meio dos mosaicos de imagens resultantes para a primeira pesquisa, a seguir:



Cidade Desenho



Cidade Noite



Cidade Predios



Figura 2: Mosaico I – cidade
Disponível em: *Google Imagens*
Acesso em: Novembro de 2013

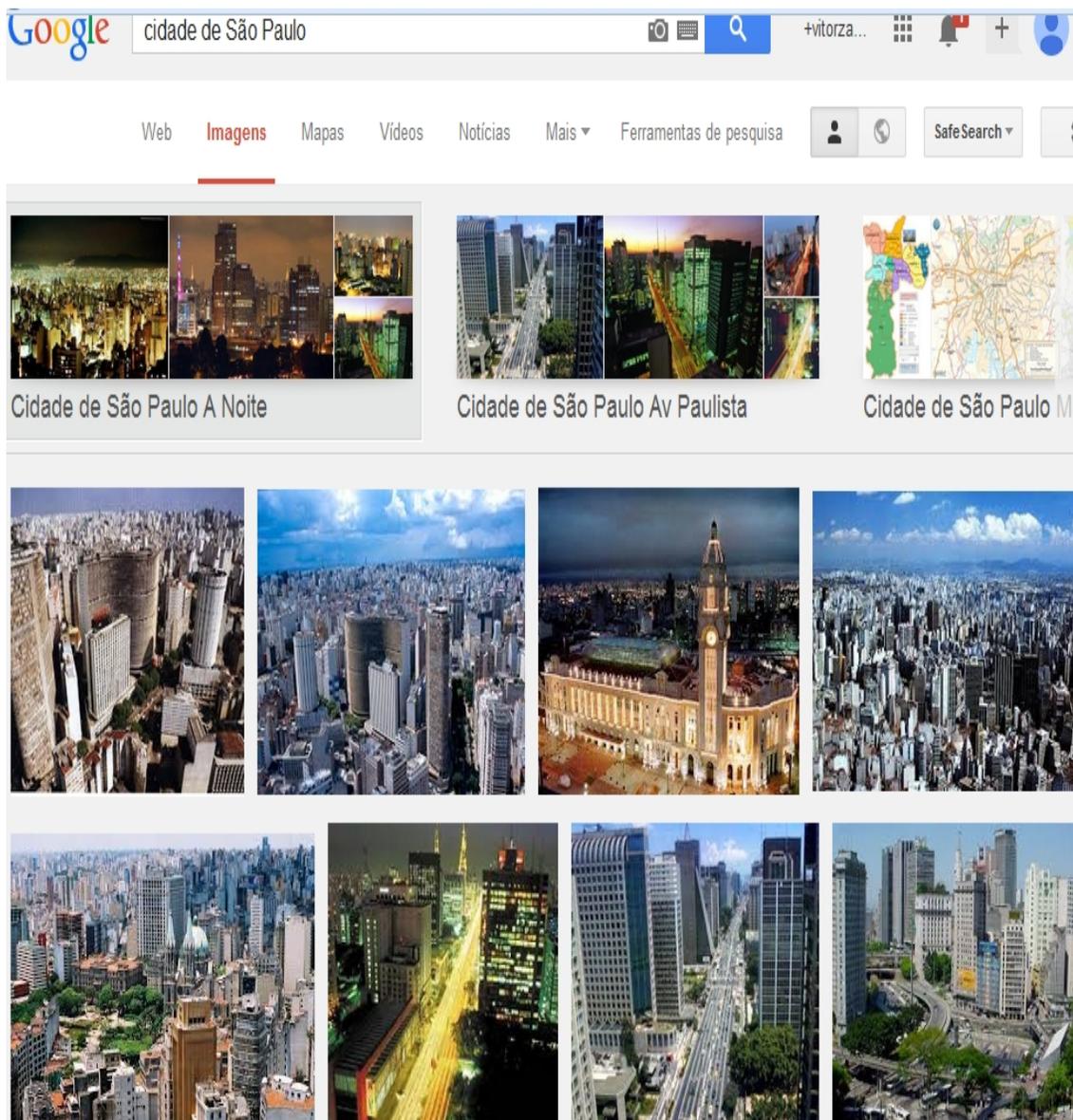


Figura 4: Mosaico III – cidade de São Paulo³

Disponível em: *Google Imagens*

Acesso em: Novembro de 2013

³ A capital São Paulo foi pesquisada sob a palavra “cidade de São Paulo” para evitar os índices relacionados ao São Paulo Futebol Clube.



Belo Horizonte Pontos Turisticos



Belo Horizonte Centro



Belo Horizonte Mapa



Figura 5: Mosaico IV - Belo Horizonte

Disponível em: *Google Imagens*

Acesso em: Novembro de 2013



Figura 6: Mosaico V - Salvador
Disponível em: *Google Imagens*
Acesso em: Novembro de 2013

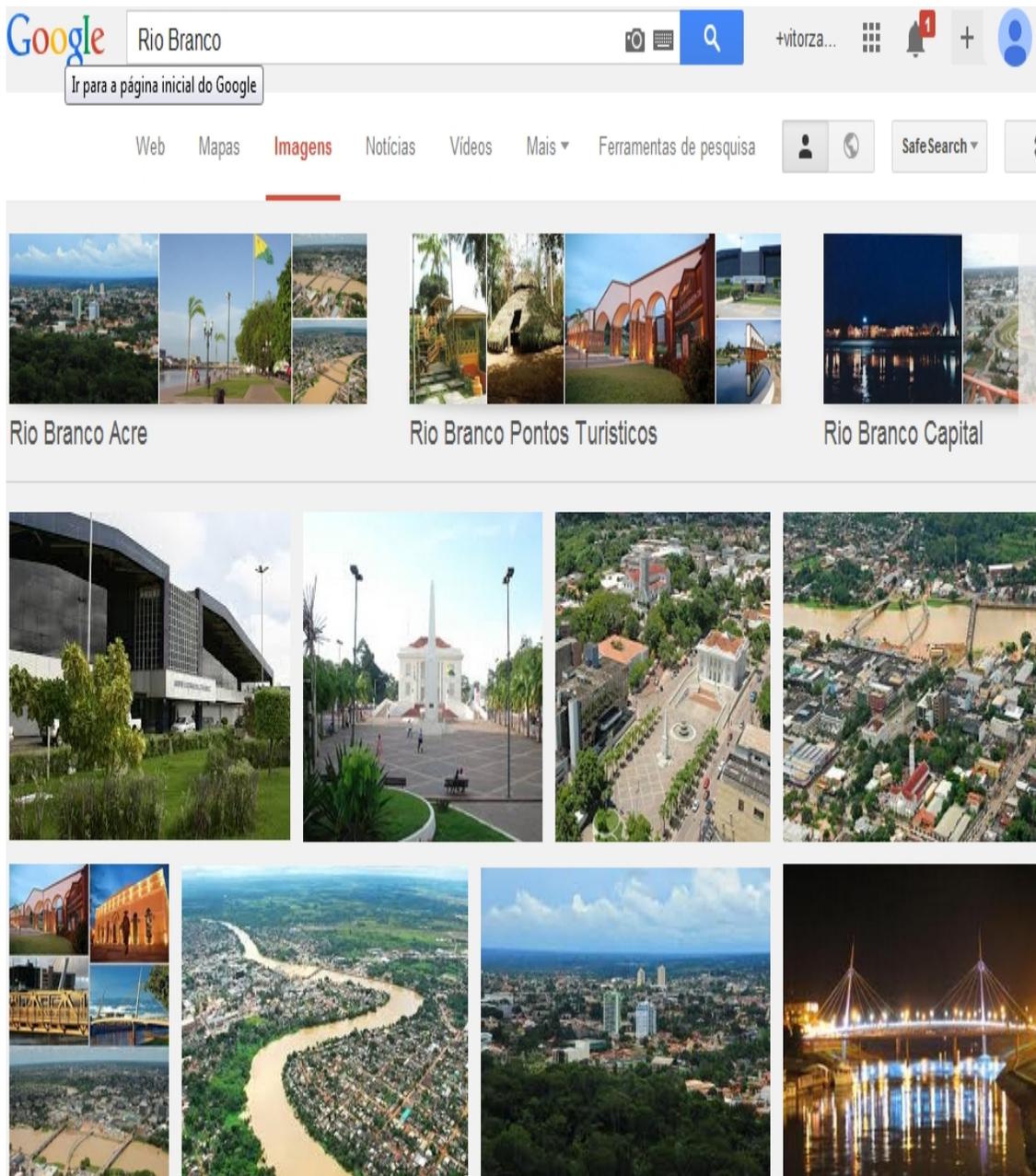


Figura 7: Mosaico VI - Rio Branco
Disponível em: *Google Imagens*
Acesso em: Novembro de 2013

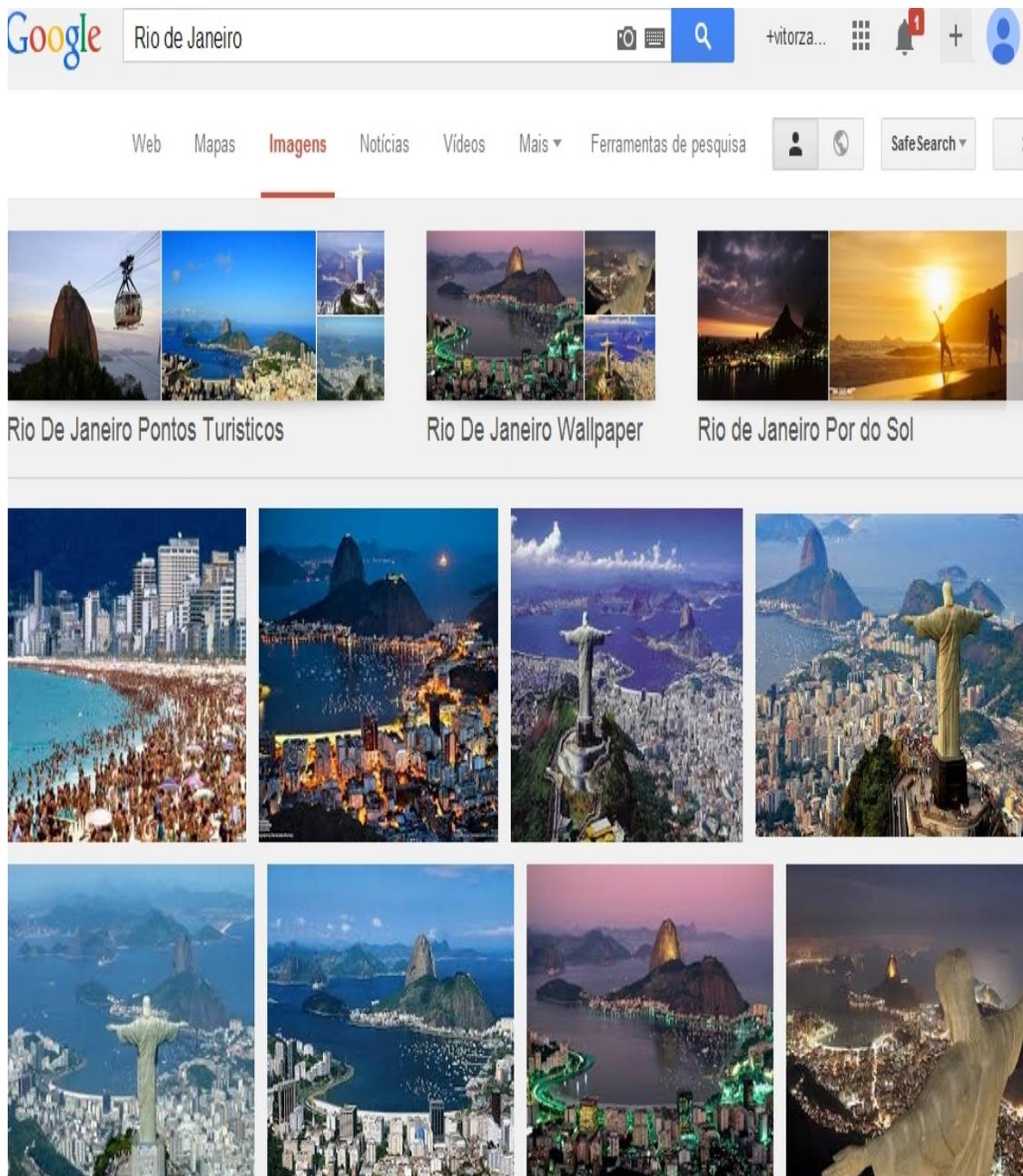


Figura 8: Mosaico VII - Rio de Janeiro
Disponível em: *Google Imagens*
Acesso em: Novembro de 2013

Partindo da afirmação de (SONTAG, 2004, p.13) as fotos “[...] Constituem uma gramática e, mais importante ainda uma ética do ver”. Tal condição indicou as intencionalidades contidas na configuração repetida dos resultados de pesquisa por imagens exercida nessa ferramenta da internet.

O mundo imagético transmitido por esse tipo de iconografia permite o contato com o real. “Fotos fornecem um testemunho. Algo de que ouvimos falar, mas de que duvidamos parece comprovado quando nos mostram uma foto” (SONTAG, 2004, p.16). A iconografia do *Google Imagens*, para além de testemunharem uma realidade sobre cidade, a evidencia sob repetição traduzindo a palavra “cidade” em uma imagem que se repete em um mesmo padrão estético, revelando-a por um único *status*, enrijecendo a imaginação espacial para tal temática.

Diante disso, percebe-se que a iconografia do *Google Imagens* estaria engessada no representativo, quando se sabe que “a contemplação das cidades pode ser especial independente do panorama, pois a cada instante existe mais do que a vista pode alcançar, mais do que o ouvido pode ouvir, composição ou cenário passível de análise”, segundo Kevin Lynch (1982 p. 17).

As paisagens urbanas apresentadas por essas imagens são recorrentemente acessadas devido, por exemplo, à simples necessidade de conhecer as cidades. Isso é muito comum de ser realizado antes de viagens para cidades, países e lugares desconhecidos. Assim as paisagens não se definem somente como espaço ao alcance do olhar, mas está ainda à disposição do corpo, o que amplia o ver para um poder (COLLOT, 1990, p. 27).

Os apontamentos aqui trazidos elucidam o caminho traçado para referenciar uma discussão sobre a imaginação espacial e os padrões de repetição de imagens para a temática “cidades”, utilizando como ferramenta principal a pesquisa iconográfica no *Google Imagens*.

Atentando-se a isso o seguinte subcapítulo traduz o pensamento rasurante a partir da forma de escrita em diálogo com o formato *Google* de aglomerar informações, evidenciando um mundo balizado por sistemas de informação em tempo real, cujo as imagens fotográficas, no sentido aqui exemplificado, agenciam verdades e as dimensionam a imaginação espacial e geográfica.

Aproximadamente 2.230.000 resultados (0,24 segundos)

2.1 O CLICHÊ IMAGÉTICO

O modelo repetitivo estabelecido na iconografia do *Google Imagens* para a palavra “cidade”, permitiu que conceituações do “clichê” (MCLUHAN; WATSON, 1971; DELEUZE, 2007) permeassem o universo das imagens, sendo isso possibilitado pela ordem taxativa a qual essas iconografias são apresentadas nos mosaicos de imagens resultantes das pesquisas.

Para isso, foi evidenciada a discussão sobre os clichês a partir de tal literatura, utilizando-se das conceituações sobre o tema pelos referidos autores, iniciou-se a discussão sobre a formulação do clichê imagético estabelecido na iconografia do *Google Imagens* para a palavra “cidade”.

Mc Luhan (1971, p. 72) utiliza do exemplo didático do diálogo entre uma professora e sua classe, no qual ela pede que os alunos usem uma palavra familiar de uma nova maneira, por hora um menino leu: “o menino voltou pra casa com um clichê no rosto.” Pedindo explicação da frase, a resposta: “o dicionário define clichê como uma expressão esgotada.”

Partindo desse raciocínio, identificaram-se nas imagens resultantes das pesquisas iconográficas os clichês imagéticos, esses então advindos das repetições de imagens que não transpassam o clichê imagético das cidades em questão, e assim podem aferir valores de juízo às geografias existentes em meio a tal modelo de propagação.

Nas imagens encontradas na fonte referenciada por esse estudo, verifica-se uma repetição particular, induzidas a uma iconografia estereotipada, que passam a transmitir às cidades essa linguagem visual e se torna acessível por intermédio desse mecanismo de reprodução via internet. Portanto, a conceituação de clichê imagético resulta dessa relação existente entre a “expressão esgota” contida na repetição, das figuras encontradas como resultado das pesquisas no *Google Imagens* para representar a palavra “cidade”.

Quando a informação se finda nas repetições, o novo ou a criação não é enfatizado, mas apenas o clichê. Este ocorre então como uma “sonda” (em qualquer das numerosas áreas da consciência humana) que promete informação, mas frequentemente fornece simples recuperação de velhos clichês (MCLUHAN; WATSON, 1971, p. 74)



Gilles Deleuze

Filósofo

Gilles Deleuze foi um filósofo francês. Wikipédia

Nascimento: 18 de janeiro de 1925, Paris, França

Falecimento: 4 de novembro de 1995, Paris, França

Educação: Sorbonne

Filhos: Émilie Deleuze, Julien Deleuze

Obras

Ver mais 20



Pesquisas relacionadas

Ver mais 15



Comentários

Rasuras Repetição +vitorzache

Web Imagens Vídeos Shopping Mapas Mais Ferramentas de pesquisa

Aproximadamente 2.230.000 resultados (0,24 segundos)

Tal teor evidenciou o caráter repetitivo do clichê **imagético** enquanto referência para que sejam imaginados os espaços ou cidades. Na mesma medida, pode-se refletir sobre a ênfase que deu Deleuze (2007, p. 19) sobre a pintura e os clichês: “Com efeito, seria um erro acreditar que o pintor trabalha sobre uma superfície em branco e virgem. A superfície já está investida virtualmente por todo tipo de clichês”.

Essa afirmação incorre sobre a iconografia da **Google Imagens** que estaria fomentando o surgimento do clichê imagético a partir da repetição de imagens tornando esse universo através das suas respostas repetidas o difusor de uma lógica, disseminando um modelo de imaginação espacial repetido por imagens que estão a dizer, nesse caso, sobre as paisagens urbanas em questão.

Marshall McLuhan

Educador

Herbert Marshall McLuhan foi um destacado educador, intelectual, filósofo e teórico da comunicação canadense. Conhecido por imaginar a Internet quase trinta anos antes de ser inventada e pela expressão O meio é a mensagem e o termo Aldeia Global. Wikipédia

Nascimento: 21 de julho de 1911, Edmonton, Canadá
Falecimento: 31 de dezembro de 1990, Toronto, Canadá

Obras: COMPREENDER ME, Os meios de comunicação: como extensões do homem

Educação: Universidade de Manitoba, Trinity Hall, Universidade de Cambridge

Filhos: Eric McLuhan, Teri C. McLuhan, Elizabeth McLuhan, Stephanie McLuhan, Mary McLuhan, Michael McLuhan

Álbuns: The Medium Is The Massage

Pesquisas relacionadas Ver mais 15

Harold Innis, Neil Postman, Jean Baudrillard, Walter J. Ong, Walter Benjamin

Comentários

Logo, os clichês **imagéticos** sobressaídos na pesquisa dão-se como um verdadeiro discurso, que, por meio da **repetição** atuam sobre a imaginação, pautando-a como **realidade**, transmitida por meio de imagens acerca de determinado tema.

Vale dizer, também, que os meios de comunicação favorecem sistematizações recorrentes sobre os **clichês imagéticos**. De acordo com o pensamento de McLuhan (1971, p. 75) os meios de comunicação são clichês que servem para o homem aumentar a extensão de sua ação, de seus padrões de associação e de sua consciência por reduções estabelecidas que auxiliam a extensão de suas ações. O pensamento do referido autor, portanto, contribui para se pensar o modelo clichê do *Google Imagens*, e seu funcionamento como extensão do raciocínio para se imaginar as cidades.

Em outras palavras, estariam a propagação e a difusão dos clichês **imagéticos** a repercutir em construções de **realidade**, a partir dos reflexos na **imaginação espacial** estabelecida e difundida com a contribuição ímpar do *Google Imagens*, podendo ser esse um meio que cria ambientes entorpecentes de nossa capacidade de atenção (MCLUHAN; WATSON, 1971).

Como consequência da redução das imagens a clichês, se dão ainda o favorecimento a apelos, sejam do comércio ou da **indústria**, criando gostos, costumes e necessidades na **sociedade**. Então, a imaginação sobre o espaço em que o *Google Imagens* se pauta e oferece é formulada como clichê imagético que favorece e induz a imaginação à padronização, contrariando a realidade que ocorre de forma diversa.

Aproximadamente 2.230.000 resultados (0,24 segundos)

Por sua vez, em razão dessas condições estabelecidas a **fotografia** passa a contribuir para um dimensionamento que, em acordo com Oliveira Jr. (2010, p. 162), atua subtraindo a vida pelas “formas prontas de pensar e viver oferecidas pelo Estado, pelos capitalistas e pelos demais donos dos poderes dispersos atuais –(televisão, escola, ciência...) modos empacotados de existir em detrimento de cada diferença que reafirma a própria vida em sua proliferação”.

Assim, estariam os clichês imagéticos a atuar sobre a **imaginação espacial**, conforme afirma Deleuze: “Somos bombardeados por fotos que são ilustrações, jornais que são narrações, imagens-cinema, imagens-televisão” (DELEUZE, 2007, p. 91).

Nesse propósito o **Google Imagens** se encaixa e, a partir da propagação dos **clichês imagéticos** estaria a confabular uma realidade imaginada, agindo assim como extensão da capacidade de raciocínio humano, operada sob o modelo de máquina em um contexto geral.

Conclui-se, então, que por a **imaginação ser a capacidade de fazer e decifrar imagens** (FLUSSER, 1985, p. 21), a **dimensão visual** permitida pelo **Google Imagens** atua sobre a capacidade de imaginação com imagens prontas atreladas a realidade sobre as paisagens urbanas resultantes em seus mosaicos de imagens.

Por esse aspecto nota-se que o **Google Imagens** pauta o clichê imagético em suas imagens, no entanto esse é um formato que ganha existência devido a utilização que a **sociedade moderna** da a tal mecanismo, não distante a atualização fotográfica permissível ao sistema sendo alimentado e ou bombardeado por imagens vindas de todas as partes.

Observa-se que tal mecanismo converge a **iconografia** pesquisada a um banco de dados embasado nas **imagens clichês**, essas por sua vez repercutem em uma **tradução geográfica** de mundo mencionada repetitivamente por esse mecanismo em seus moldes iconográficos..

Nesse sentido **Walter Benjamin** aponta a **necessidade das massas de “fazer as coisas ficarem mais próximas”**, sendo essa uma preocupação tão apaixonada das **massas modernas** como sua tendência a superar o caráter único de todos os fatos através de sua reprodutibilidade” (BENJAMIN, 2012, p. 29).

Tangenciando tal pensamento, **abordou-se a tendência na organização dessas imagens à tela do computador suportadas pelo dispositivo**. Entende-se o **Google** por **dispositivo** a medida que sob a ótica de **George Agamben**, o dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre numa relação de poder, esse, resulta ainda do cruzamento de relações de saber.

Giorgio Agamben

Filósofo

Giorgio Agamben é um filósofo italiano, autor obras que percorrem temas que vão da estética à política. Seus trabalhos mais conhecidos incluem sua investigação sobre os conceitos de estado de exceção e homo sacer. Wikipédia

Nascimento: 22 de abril de 1942 (72 anos), Roma, Itália
Educação: Universidade de Roma "La Sapienza"
Filme: O Evangelho segundo São Mateus

Obras

Ver mais 5

Estado de exceção 2004	A COMUNIDADE QUE VEM 1993	O que é o contemporâneo... e outros ensaios 2009	O reino e a glória	NUDEZ 2010

Pesquisas relacionadas

Ver mais 15

Michel Foucault	Jacques Derrida	Gilles Deleuze	Carl Schmitt	Walter Benjamin

Comentários

2.2 IMAGINAÇÃO ESPACIAL

Notavelmente a repetição das imagens é um fenômeno recorrente nos resultados de pesquisas realizadas no *Google Imagens*, sendo que essa reflete um modelo ao qual o pensamento geográfico está constituído como imaginário.

Sobre as fotografias, elas mostram realidades que são processadas e assimiladas para além da máquina fotográfica, o que a torna uma verdade sobre o que está sendo mostrado (OLIVEIRA JUNIOR, 2009c). Podendo esse fenômeno ser atribuído ao impacto que as fotografias causam enquanto discurso do real.

Sendo assim as imagens em questão estaria atuando em prol do estabelecimento de uma verdade grafada a respeito do espaço, especificamente sobre a cidade e sua relação com o universo iconográfico repetido no *Google Imagens*, que estaria determinando padrões para se pensar ou imaginar os espaços, por um regime de visualidade como prova de realidade mantido em nós pela profusão das “provas-visuais que as fotografias nos dão da existência das coisas” (OLIVEIRA JUNIOR, 2009b, p. 10).

Por meio do clichê imagético, apontado na iconografia do *Google Imagens*, a imagem da cidade se pronunciou para este estudo como um ícone sobre o espacial real, porém sendo tratado como uma criação imagética. “A máquina fotográfica ao ser disparada, faz presente um real, ela o cria” (OLIVEIRA JUNIOR, 2009c, p. 8).

Ocorre, então, como fruto de um processo recorrente nas sociedades industriais, a transformação de seus cidadãos em dependentes de imagens; sendo estas, para Sontag (2004), a mais irresistível forma de poluição mental, que está atrelada às usualidades dos clichês imagéticos como elemento enrijecedor da imaginação espacial e de suas possibilidades para com a realidade espacial.

O clichê imagético suprime a necessidade de imaginação, eis que já condensa em seu universo o que contém e o que se pode encontrar em determinada paisagem urbana. “Essas imagens desejam que miremos o espaço sob a perspectiva que elas nos dão dele. Buscam gestar e perpetuar uma maneira de imaginar o espaço” (OLIVEIRA JUNIOR, 2009c, p. 20).

Para Doreen Massey (2008, p. 89), esse fenômeno ocorre como forma de impedir uma apreciação da multiplicidade dinâmica que é o espaço, imaginando-o como um sistema fechado, imóvel. A autora (2008) defende, ainda, a possibilidade

de que estaríamos inseridos em contextos visuais resultantes da visão de espaço global, que não seriam uma descrição de como é o mundo, mas uma imagem através da qual o mundo está sendo feito.

Ou seja, tais imagens dizem do mundo como uma imaginação de instantaneidades, de um único presente global. Assim entre o clichê imagético e a imaginação espacial se deram os rumores de uma imaginação grafada pela iconografia do *Google Imagens* e pautada nos clichês imagéticos, oferecendo conseqüências à imaginação, percepção e à construção de mundo.

Como uma ilustração possível ao processo que associa os clichês imagéticos à imaginação espacial, pode-se citar o fenômeno de artistas cegos de nascença que em suas pinturas referenciam paisagens jamais vistas por eles.

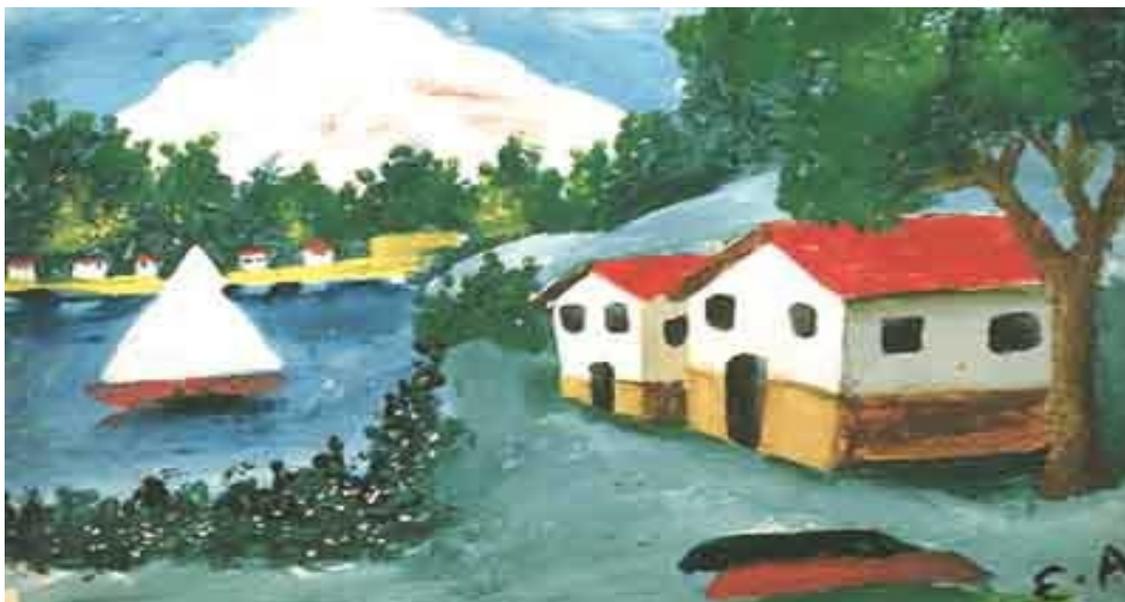


Figura 9: Pintura de Esref Argaman

Disponível em: <http://poraodearte.blogspot.com.br/2009/07/pintor-cego-de-nascenca-impresiona.html>

Acesso em: Agosto de 2013

Embora Esref Argaman nunca ter estabelecido contato visual com as cores e dimensões visíveis para a maioria das pessoas, a imaginação espacial a qual habitualmente se remete para a realização de suas pinturas, o faz expressar imagens que ele não pode ver, mas que de alguma forma foram suas mãos ensinadas a reproduzir a partir de suas imaginações.

Não cabe aqui a averiguação se esse tipo de representação do mundo visível é o que os pintores cegos sentem ou o que lhes foi ensinado, porém o que se percebe é que há relações atribuídas a uma imaginação espacial, na qual os traços condizem com os espaços reais, possuindo formas e cores em comuns com as pessoas de visão normal.

Estabelecendo uma linha comparativa entre o teor do que se diz sobre o mundo e o modelo de imaginação espacial concebido por um cego, a imaginação espacial estaria sob os indícios do clichê imagético, sendo que estes seriam grafias de mundo que atribuem valores a um determinado tipo de imaginação espacial reforçada pela possibilidade única e repetida de se imaginar o espaço, nesse caso, a cidade.

2.3 OUTRA IMAGEM: A GEOGRAFIA

A questão da propagação imagética via mecanismo *Google Imagens*, em princípio, não implica uma determinante para a Geografia, no entanto ao se pensar pelo viés da imaginação espacial, estaria o mundo sendo apresentado sob a ótica desse aparelho que contribui ainda para uma geografia moldada por tal lógica.

As imagens clichês divulgadas sobre os lugares intensificam uma visão geográfica fundamentada na abstração da paisagem. “A geografia é uma abstração da paisagem, onde nós aprendemos o que é uma floresta um campo ou um rio” (PONTY, 1999 p. 111).

Ainda segundo Oliveira Junior (2012), essa seria uma parte da cultura que toma o ‘lugar’ como um de seus modos de dizer do mundo. E a partir de um processo observado pelo mesmo, as imagens são assumidas como documentos da realidade geográfica.

Em um mundo que a cultura visual se torna predominante e necessária, as imagens estariam a relatar um mundo distante ou não, quando consultadas por vias da ferramenta em questão. Assim dão entendimento geográfico de lugares ainda não visitados ou conhecidos, nesse sentido foram percebidas as nuances do mecanismo do *Google Imagens* para a apreciação geográfica do mundo, utilizando

como exemplo para tal fundamentação as selecionadas imagens das capitais brasileiras.

Por esse aspecto cultural-visual, a iconografia resultante das buscas em tal mecanismo representa uma parcela considerável de como a sociedade vê o mundo e o traduz por meio dessas imagens que são difundidas sobre as capitais brasileiras escolhidas para exemplificar a pesquisa iconográfica.

Essa difusão dos lugares por meio das imagens ocorre como versões editadas do mundo, que se compõem a partir de elementos, linguagens e processos desse mundo, que compõem um modo de encarar ou de dizer desse mesmo mundo,

“Em outras palavras, filmes, livros, aulas e mapas se entrecruzam na busca de criar em nós a sensação de que a realidade é de uma determinada forma, que funciona de uma determinada maneira e que, portanto, devemos agir desta ou daquela forma” (OLIVEIRA JUNIOR, 2012 p.124).

Observa-se ainda que “como um traço de nossa cultura atual, mergulhada na mediação audiovisual de nossos conhecimentos, sentidos e importâncias que damos aos lugares que só conhecemos pela via dessa mediação” (OLIVEIRA JUNIOR, 2012 p.127). Vigora-se então a dimensão das imagens como difusoras do mundo e seus lugares geográficos, assim as imagens mais do que a informar, estão a contribuir para a criação do mundo em nós.

Não para fora desse sentido estariam “as práticas acadêmicas e suas tradições, tomando as teorias como fórmulas já prontas para se pensar o mundo e não como pistas, pontes, caminhos para se exercitar a ação imaginante de criar, associar, deformar imagens” (OLIVEIRA JUNIOR, 2007 p.6).

Atemo-nos então as imagens resultantes da busca no *Google Imagens* para as capitais brasileiras, a geografia que as mesmas remetem esta vinculada aos significados redundantes para essas cidades, esses traduzidos por tais imagens.

Para tal exemplo, seguindo as aspirações de Oliveira Junior em seus levantamentos sobre Geografia e Imagens, inspirou-se essa pesquisa em busca de

“outros contornos, outros usos, outras poéticas potencialmente produtoras de outras geografias” (OLIVEIRA JUNIOR, 2012 p.120).

Apropriando-se da poética do devaneio, afirmada por Bachelard, pretendeu-se abstrair das imagens clichês e remeter essas cidades à imagens moduladas a partir da imaginação mesclada às experiências.

“É a abstração que orienta a criação e a invenção, o objeto, o desenho, a pintura, o conceito: as sínteses me encantam. Me fazem pensar e sonhar ao mesmo tempo. São a totalidade de pensamento e de imagem. Abrem o pensamento pela imagem, estabilizam a imagem pelo pensamento (FRONCKOWIAK; RICHTER, 2005 p.3).

Nesse sentido, a escolha das cinco capitais brasileiras, traduzidas na tela do computador através das imagens “COPAN SP”, “Estação Ferroviária BH”, “Fitas Senhor do Bonfim”, “Mapa Acre” e “Supermercado Pão de Açúcar”, ocorreu motivadas por experiências e vivências nos contatos com essas cidades, praticando-se os estudos de Bachelard no que tange o imaginário e o espaço geográfico.

“Considera os sonhos, inquietudes, signos e representações do ser humano, aponta-nos um novo olhar sobre o espaço geográfico, que não se limita àquilo que vemos, pois não se constitui apenas do que é mensurável, pois está repleto de parcialidades da imaginação” (HORODYSKI *et al.*, 2011 p.3).



Figura 10: COPAN SP
Disponível em: Google Imagens
Acesso em: Novembro de 2013



Figura 11: Estação ferroviária BH
Disponível em: Google Imagens
Acesso em: Novembro de 2013



Figura 12: Fitas Senhor do Bonfim

Disponível em: *Google Imagens*

Acesso em: Novembro de 2013

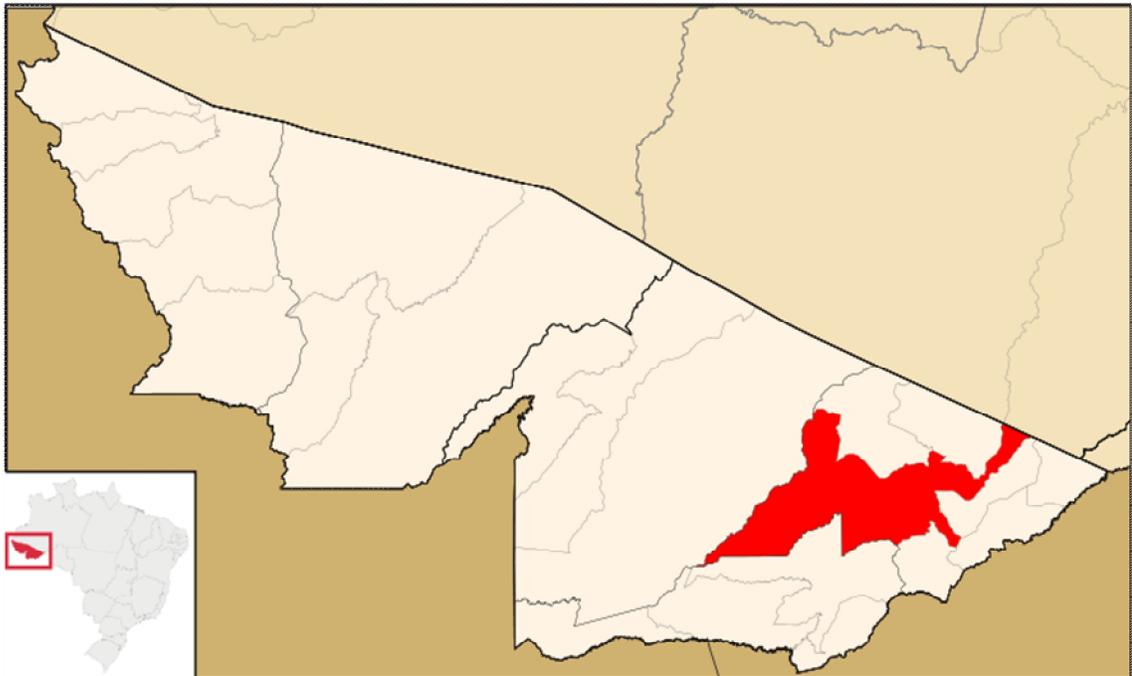


Figura 13: Mapa Acre

Disponível em: *Google Imagens*

Acesso em: Novembro de 2013



Figura 14: Supermercado Pão de Açúcar

Disponível em: Google Imagens

Acesso em: Novembro de 2013

A experiência colocada em voga para a seleção das imagens permitiu que os resultados das experimentações fossem permeadas por particularidades que atuaram na rasura contra o clichê imagético, “criando espaços possíveis para linhas de fuga e aí é importante destacar que são linhas de fuga na linguagem e, por conseguinte, no pensamento” (QUEIROZ FILHO, 2013 p.87).

A linguagem difundida pelo dispositivo *Google Imagens* sobre essas capitais brasileiras são destituídas dos ruídos que podem ser absorvidos pelas experiências e vivências para além dos cartões postais.

“A cidade de quem passa sem entrar é uma; é outra para quem é aprisionado e não sai mais dali; uma é a cidade a qual se chega pela primeira vez, outra é a que se abandona para nunca mais retornar; cada uma merece um nome diferente” (CALVINO, 1990 p.115).

Permeada por poesias e artes visuais as experimentações rasuraram o clichê imagético sob a perspectiva da Iconografia do *Google Imagens* em relação as capitais selecionadas e suas afirmações enquanto imaginação espacial para essas, no intuito de dimensionar a modelação em contraponto com a experiência.

As rasuras ocorreram por meio da imagem poética, para Manoel de Barros “As coisas sem importância são bens de poesia” (2007), e então dando sentido ao pensamento do referido autor foram criadas outras imagens para essas capitais brasileiras aproveitando-se daquilo que se mostrou sem importância na reprodução estabelecida pelo dispositivo em questão.

Então se procurou uma nova forma ao conteúdo originado na iconografia do *Google Imagens* ao se buscar por tais cidades e suas respectivas imagens numa tentativa de abarcar o “lugar “como uma sempre-mutante constelação de trajetórias” (MASSEY, 2008 p.215).

Assim rasurar essas imagens, transparecidas como o modelo definido no interior de um determinismo mecanicista a qual essa ferramenta se desenvolveu, é trabalhar em vias destoantes aos “encaixos produzidos por essas grafias maiores, por essas hegemonias de pensamento, interpretações dominantes” (QUEIROZ FILHO, 2012 p.105).

Logo, fazer-se notório o combate a lógica dissimulada que se desenvolve e fundamenta lugares e geografias, encarar assim de frente o horizonte de uma forma de conhecimento que é utilitário e funcional, reconhecido por sua capacidade dominar e transformar o real, mas não de conhecê-lo profundamente (SOUZA SANTOS, 1996).

Então a partir de um impulso rasurante, pretendeu-se esgaçar a repetição em seus indícios como clichê imagético e assim extrapolar o conteúdo maquinado pelo *Google*, questionando e apontando as aferições para com a imaginação espacial e a geografia engendradas ao modelo implícito pelo dispositivo (AGAMBEN, 2013).

3. POÉTICAS ESPACIAIS E IMAGENS

Os clichês imagéticos e suas grafias sobre a imaginação espacial inspiraram reflexões acerca das poéticas espaciais. Por esse olhar, estariam as imagens a referenciar as poéticas sobre os espaços que entram em questão por seus clichês imagéticos, que são, em sua maior parte, paisagens urbanas fotografadas.

Existem, ainda, exemplos de paisagens urbanas versadas, compostas poeticamente, como o poema de Curvello (1996, p. 23).

Cidades Ciladas

Flash

Motor

istas no trãns

ito

Outdoors

Ocloxpertinexsedinil

A empresa construtora de piscinas

A auto escola

A igreja metodista

Guardadores de automóveis

O fumador de guimbas

O ledor de Gibis

O bebedor de Coca-Cola

Os velhos à beira da televisão

O hospital de bonecas

O cemitério de cães

Ainda referindo-se a outros métodos que dimensionam artisticamente o caos implícito às paisagens urbanas cita-se o artista Valdelino Gonçalves, que em seu estudo denominado “Palimpsestos gráficos”, efetua a reconstrução poética sob sua ótica interpretativa, permitindo vazão a outra linguagem, oriunda de sua percepção de mundo, por meio de um método de raspagem para retirar as películas que constituem a fotografia.



Figura 15: "Centro"

Fonte: (SANTOS FILHO, 1996 p. 16)

Em seu discurso sobre a cidade é nítido o exame da saturação criada pelas informações e isto também está de alguma forma amalgamado à sua obra, como no seguinte trecho:

Uma urbanidade caótica repleta de habitantes bombardeados pela profusão de informações, onde a existência humana com relação ao fator primordial da qualidade, fica prejudicada pela avidez da quantidade. É o mundo das *mass media* ampliando os poderes do homem, numa multiplicação de códigos (SANTOS FILHO, 1996 p.28).

Verifica-se, nas aspirações expostas, a transitoriedade a partir do que já foi construído e constituído dentro do que está estabelecido como majoritário. “O devir minoritário como figura universal da consciência é denominado autonomia” (DELEUZE; GUATARRI, 1995 p. 45). As visões e inspirações poéticas possuem a autonomia intrínseca em sua condição minoritária, assim possibilitando fuga às representações homogêneas existentes que caracterizam o espaço o vinculando a imaginação espacial.

Os procedimentos poéticos possuem autonomia, o que os designa como “menor”, assumindo um papel de agente transformante enquanto prática política, “uma prática política capaz de intensificar o pensamento e a emergência de uma diferença desestabilizadora das formas vigentes” (GODOY, 2008, p. 291).

Então, de um modo geral, permitem raciocínios que apontem para um modificar do pensamento, imaginação e, conseqüentemente, para a criação das paisagens urbanas rompendo com o que é homogêneo, repetido, estabelecido, permitindo fluir as imagens sob aspirações minoritárias.

Inspirando-se na poética e na arte, experimentou-se a fuga do clichê imagético utilizando-se elementos que se findaram em poemas visuais permitindo um viés imaginativo para as palavras traduzidas enquanto cidades pela ferramenta *Google Imagens*.

Foram então realizadas provocações como experimentações, sendo nestas últimas que “abandonam-se convicções e certezas, fazendo-se disponível às linguagens, aos estímulos neste ou naquele momento, às intensidades presentes nos percursos” (GODOY, 2008 p. 28). Neste caso, as experimentações são o processo de análise em si, sendo o resultado permanentemente em aberto.

Buscou-se imaginar as cidades a partir de imagens que existem sobre as designadas capitais brasileiras, essas não necessariamente contidas no modelo do clichê imagético atribuído ao *Google Imagens*. A atividade poética foi então realizada a partindo desse contexto.

3.1 EXPERIMENTAÇÕES EM POESIAS VISUAIS

As experimentações surgiram dos esforços para desenvolver de modo prático a proposta de rasura sobre o clichê imagético, assim foram elaboradas no intuito de desestabilizá-lo dimensionando ao estudo o tocante a modos possíveis de se enxergar as paisagens urbanas para além de suas repetições iconográficas.

A partir da iconografia que constituiu os mosaicos resultantes de buscas realizadas por nomes das referidas capitais brasileiras no *Google Imagens*, foram reelaboradas outras fotografias, essas permeadas por poesias visuais que reverberam as paisagens e conseqüentemente os espaços por outras grafias,

poemas visuais como experimentação de criação sobre o clichê imagético dessas respectivas cidades.

Os experimentos exemplificados se desenvolveram ainda com contribuições obtidas a partir de reuniões laboratoriais do grupo de Estudos Rasuras, residente da Universidade Federal do Espírito Santo sob orientação do Professor Carlos Queiroz Filho. A imagem da cidade é tema amplamente abordado nos estudos do grupo bem como as poéticas urbanas.

“Da experiência capturada pelas imagens clichês, esgarçamos a paisagem consolidada de forma instantânea e automática em nossas memórias. Aumentamos nossos horizontes imaginativos e assim inventamos algumas rasuras fotográficas” (QUEIROZ FILHO; ZACCHÉ; BORGES, 2013).

Analisado os mosaicos resultantes das pesquisas iconográficas pretendeu-se um diálogo entre os clichês imagético e a imaginação, evidenciando, assim, expressões caracterizadas poética e artisticamente como consequentes permutações para tal formato de propagação de imagens sobre as cidades.

A linguagem atribuída ao clichê imagético sob intervenção poética resultou em outras imagens que questionam a perspectiva do *Google Imagens* e sua relação com a realidade.

Tendo em vista que “Pensar é sempre experimentar, não interpretar, mas experimentar, e a experimentação é sempre o atual, o nascente, o novo o que está em vias de se fazer” (DELEUZE, 1992 p. 132), as tentativas poéticas de se desconstruir a formulação do clichê imagético foram realizadas para a obtenção de um resultado potencialmente questionador da fábrica de iconografias do *Google Imagens*, refletindo sobre os caminhos que estas imagens percorrem para estarem presentes nos resultados das pesquisas desse mecanismo.

Assim das imagens selecionadas para cada uma das capitais ocorreram as rasuras, que resultaram nas poesias visuais sobre as cidades selecionadas, exemplificando na prática o exercício rasurante e a essência poética de uma geografia que esta a se fazer, se construindo em outros caminhos, outros contornos, outras geografias (OLIVEIRA JUNIOR, 2012).

3.1.1 Experimento I: São Paulo



Figura 16: "Instagram Palavrórico"
Disponível em: Acervo Pessoal

3.1.2 Experimento II: Belo Horizonte

Por tais ruas hei de transitar
Quando o trem de ferro
Na estação chegar
Serras, montes, pastagens...
O que será?

Edifícios, monumentos, torres...

Hão de estar?

Há essa BH...

Figura 17: Bêagá
Disponível em: Acervo Pessoal

3.1.3 Experimento III: BêAgá



Figura 18: Bêagá em trilhos
Disponível em: Acervo Pessoal

3.1.4 Experimento IV: Salvador

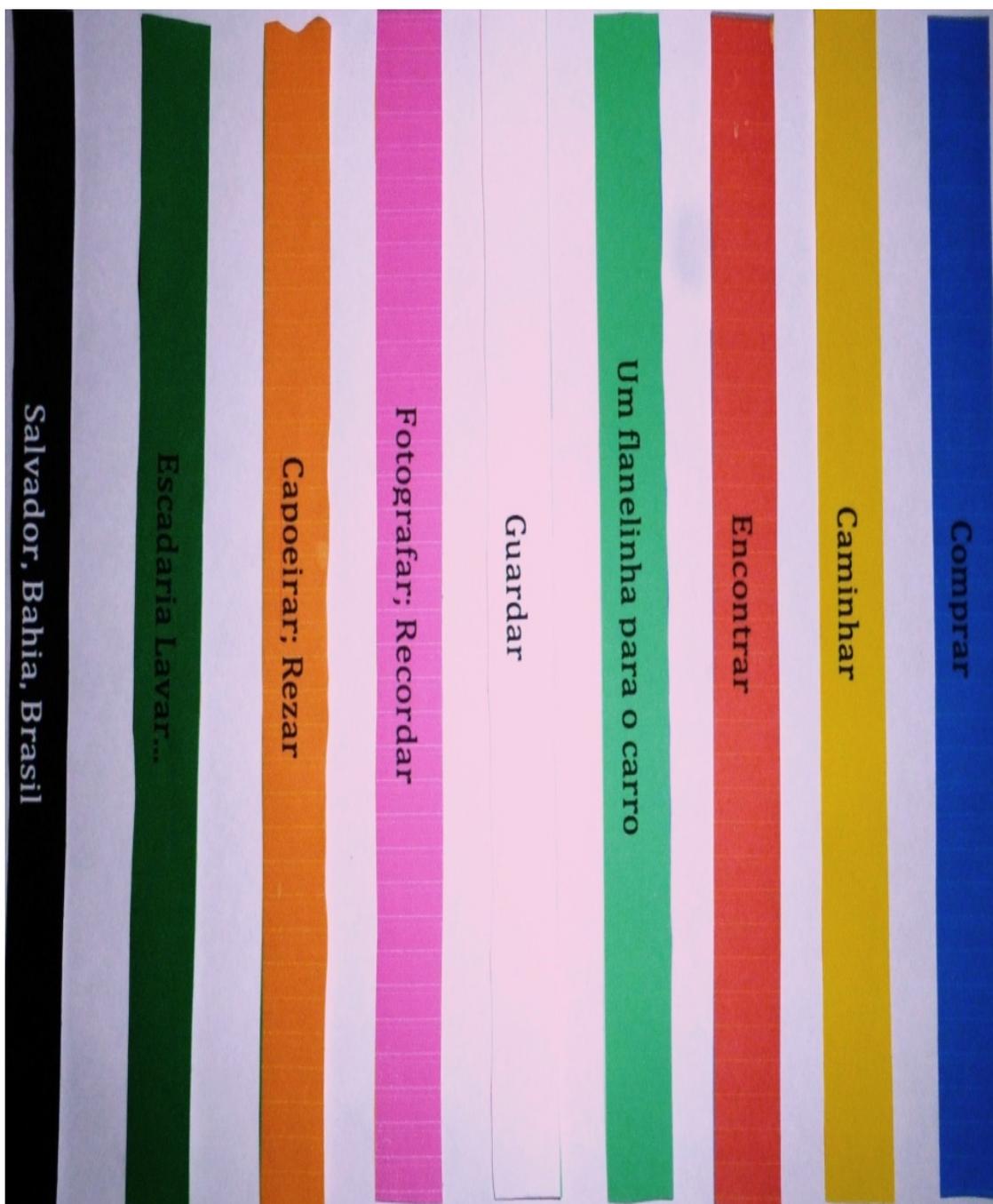


Figura 19: Lembranças...
Disponível em: Acervo Pessoal

3.1.5 Experimento V: Rio Branco

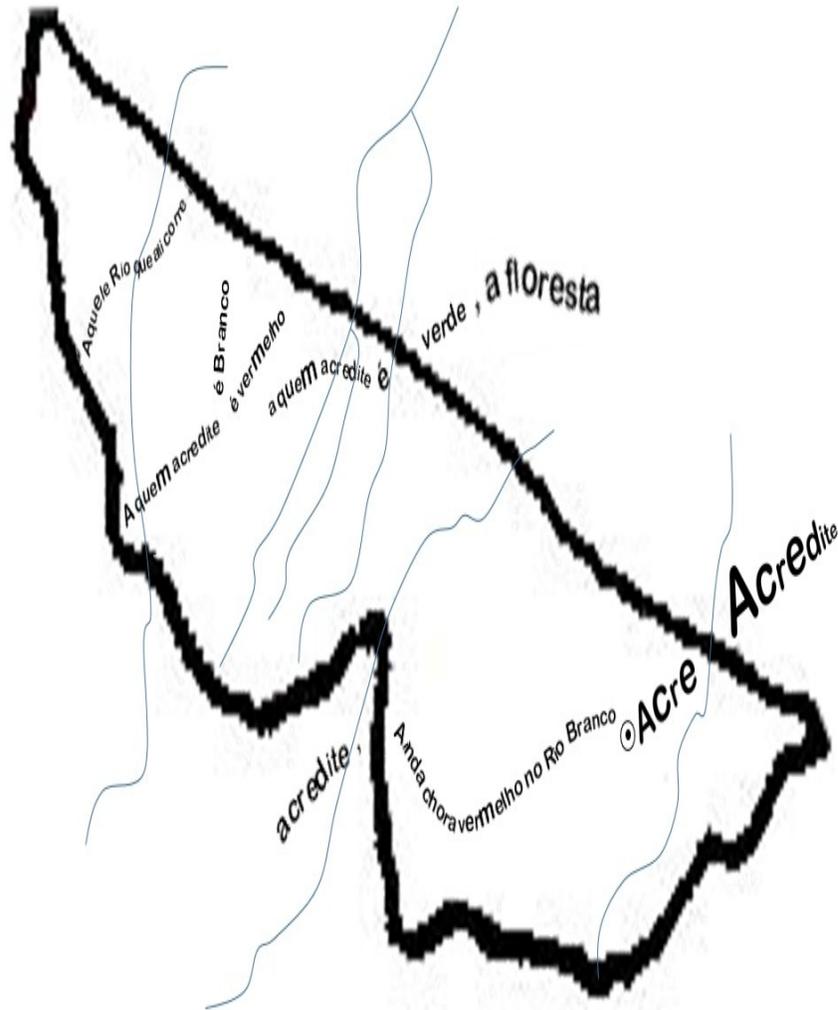


Figura 20: Acredite
Disponível em: Acervo Pessoal

3.1.6 Experimento VI: O Acre existe, acredite

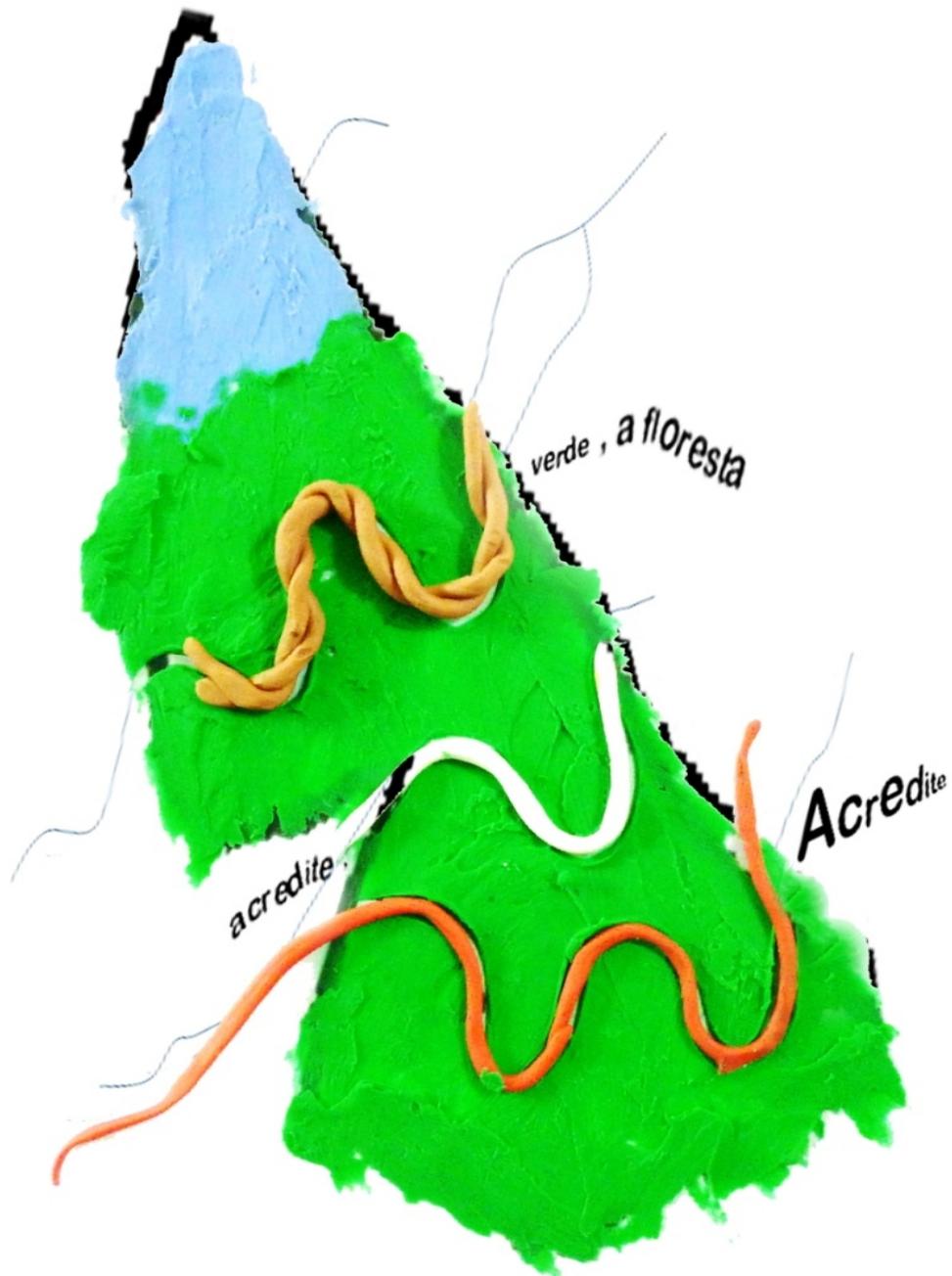


Figura 21: Acre, acredite...
Disponível em: Acervo Pessoal

3.1.7 Experimento VII: Rio de Janeiro

MERCARIA

CABRUM!

40 GRAUS

CHUVA PROMETIDA

DERRETE PÃO DE AÇUCAR
DERRETE MORRO ABAIXO

DERRETE O SORVETE DA GAROTA DE IPANEMA

CIDADE MARAVILHOSA!

AINDA DIZEM QUE DEUS É BRASILEIRO

FRIOS

0,36	0,50	1,29	2,58	3,98	0,89
1,19	1,29	0,40	10,98	7,89	

FLV

2,49	2,49	1,69
------	------	------

TICINIOS

3,49	2,99	2,99
------	------	------

PADARIA

4,99	0,39	0,89	0,99
------	------	------	------

PEIXARIA

17,98	3,99
-------	------

BEBIDAS

1,49	0,93	0,99	0,92	0,89
0,69	1,99	0,49	0,59	0,89

CONGELADOS

6,98	2,98	1,29
------	------	------

AÇOGUE

4,44	6,99	11,69	18,29	4,99
------	------	-------	-------	------

BARCODE

CELEBRAR

vivo

Figura 22: Panfleto Rio de Janeiro (Se vende: Preços)
Disponível em: Acervo Pessoal

3.2 DIZERES DE POESIAS

Assim, o primeiro experimento foi realizado a partir do mosaico resultante da busca no *Google Imagens* sobre a capital “São Paulo”, sendo selecionada a imagem do Edifício COPAN, sua relação com a cidade, demonstrou-se na pesquisa iconográfica *Google Imagens*, uma vez que tal imagem resultou para as duas principais pesquisas iconográficas realizadas.

Tal imagem apareceu também na pesquisa iconográfica realizada no Google imagens, compondo o mosaico resultante para “cidade”, assim, sendo uma referência iconográfica também para a palavra “cidade”. Tal imagem foi esboçada no índice do *Instagram*⁴, sendo nesse grafado a poesia, levando a imaginação para derivas artísticas, compondo outras grafias espaciais.

O “*Instagram* palavrórico” (Figura 16) (re) fotografa São Paulo como fuga às repetições sugeridas ininterruptamente na tela do *Google Imagens*. Discute a cidade sob um olhar cinza, em um emaranhado de palavras que repetem aquilo que a cidade contém no seu formato clichê imagético, inspirando-se na liberdade poética de desestruturar a linguagem do clichê, fazendo a imaginação poética fluir.

O segundo experimento ocorreu sobre a iconografia de Belo Horizonte. Quando pesquisada no *Google Imagens*, não se diferencia muito ou imediatamente de São Paulo, em sua iconografia estão presentes muitos prédios que ilustram a paisagem urbana da capital mineira.

Por esse aspecto, desenvolveu-se a expressão poética que imprimiu o desvio do olhar da ferramenta *Google Imagens* e possibilitou o poema visual para uma Belo Horizonte de outros imaginários, que está implícita em seus caminhos e contornos para além do clichê imagético.

Assim da primeira experimentação “BêAgá” (Figura 17) surgiu a segunda expressão artística sobre a imagem que serviu à inspiração, “BêAgá em Trilhos” (Figura 18).

⁴ Instagram é um aplicativo gratuito que permite aos usuários tirar fotos, aplicar um filtro e depois compartilhá-la numa variedade de redes sociais, incluindo o próprio Instagram. ([HTTP://PT.WIKIPEDIA.ORG/WIKI/INSTAGRAM](http://pt.wikipedia.org/wiki/Instagram), 2013)

Uma viagem sobre trilhos, fotografias de horizontes a alcançarem, imaginações vindouras sobre tal capital. O clichê imagético apostados em Belo Horizonte, foi desconstituído a partir de seu difundido “apelido” “BH”. O trem de ferro incansavelmente ligando Minas Gerais ao litoral capixaba, sobre trilhos, deriva-se...

Por esse aspecto se deu a imaginação para tal capital, pensando-a não sobre o que existe fatidicamente enquanto composição de sua realidade através do clichê imagético, mas o que estaria fora desse modelo difundido através das análises sobre as iconografias aqui realizadas.

Salvador saltou aos olhos por seu clichê imagético vigorado pela iconografia do *Google Imagens* em um ideal turístico apresentado por sua magnitude arquitetônica e sua geografia singular no *front* com o Oceano Atlântico. Lembra-se ainda de Salvador através das fitas do Senhor do Bonfim (Figura 12), que carregam consigo uma “mandinga” recordativa, os três pedidos se realizarão até a quebra natural das fitinhas amarradas ao pulso por três nós cegos (Cultura popular).

Lembranças (Figura 19), as fitas de Senhor do Bonfim foram assim repensadas poeticamente para que a cidade de Salvador seja lembrada para além de seu ícone turístico. Outras trajetórias que se dão em coexistência com as imagens. Imaginação e realidades possíveis estão em jogo para serem remetidas ao pensar, na possibilidade de reverberar outras grafias de mundo, nesse caso as relações com a cidade de Salvador.

A capital Rio Branco foi desassimilada de seu clichê imagético urbano, de capital do Acre por meio de uma construção poética que se diferenciou por seu movimento plástico, ou seja, a poesia foi formulada utilizando massa de modelar, em uma sobreposição à poesia originária (Figura 20), que foi impressa, fotografada novamente, devolvida ao papel, somando-se a cores e formas, exemplificando o trabalho, experimentando diálogo e desconstrução sobre o clichê imagético.

Acredite: “O Acre existe! Acre, Acredite” (Figura 21) é o produto da deriva poética articulada sobre a silhueta do traçado cartográfico do Acre no mapa do Brasil. Evidencia-se como uma resposta a pergunta recorrente: O Acre existe?

Assim tal imagem foi (re) trabalhada se constituído primeiramente em uma poesia, e essa sobreposta com a arte plástica, resultando assim em uma segunda poesia, evidenciando o fazer poético em se pensar aqueles espaços, que para nós do sul do Brasil aparentam ser tão longínquos, inquietando-nos à dúvida existente.

O Rio de Janeiro possui seu clichê imagético praticamente atribuído à suas belezas naturais, arquitetura e Geografia singular, sendo o Cristo Redentor e o Pão de Açúcar os mais repetidos ícones nesta pesquisa. A partir de um encarte de uma rede de supermercados da cidade deu-se a reconstrução imagética.

Uma imagem singular dessa cidade se põe sobre Panfleto Rio de Janeiro: Se vende (Preços) (Figura 22). Questionou-se assim os preços e valores que são cotidianamente vivenciados pela população dessa cidade, que possui sua imagem associada à venda, diga-se uma “vitrine” do Brasil.

A atividade poética realizada colocou à prova a intenção do clichê imagético e de seu índice repetitivo contido nos mosaicos de busca. Assim, as poesias visuais, aparando-se na imaginação, buscaram extrair de determinado quadro, índices favorecidos pela imaginação espacial divulgada homoganeamente no *Google Imagens* e atrelada ao clichê imagético.

Por meio dessas práticas em construções poéticas ficou evidente, como já defendido por Lúcia Oliveira (2009), que a poesia é como um elo que une coisas antiléticas, que liga dois ou mais sistemas, contextos e realidades, muitas vezes incompatíveis que estabelecem vínculos entre Geografias distantes, que criam correlações, que desafiam a lógica e a racionalidade.

Décio Pignatari menciona que a “palavra ‘poeta’ vem do grego ‘poietes’ = aquele que faz. Faz o que? Faz linguagem” (PIGNATARI, 1981, p. 4). A linguagem visual que se criou está a possibilitar o diálogo com uma geografia participada pelo imaginário, utilizando da poesia para se discutir geografias relacionadas a essas paisagens urbanas

Sendo esse processo de construção poética aberto e infundável, dando sentido a uma geografia do agir no sentido de imaginar as paisagens urbanas e suas relações com imagens, enfatizando a poesia como arte do anti-consumo, através do ato de fazer e não do ato de reproduzir.

As experimentações surtidas dos estudos aqui referenciados são poéticas, que agem na tentativa de reverberar as tensões entre o homogêneo, o estabelecido, e o que pode ser feito em prol da imaginação. “Dão-se como determinada forma política de resistência: rasurar a gramática do mesmo e produzir grafias mais próximas de uma experimentação ativa, excitante, gaguejante, titubeante...” (QUEIROZ FILHO, 2013 p.87).

No mesmo sentido, Bachelard afirma que “a imaginação desprende-nos ao mesmo tempo do passado e da realidade. Abre-se para o futuro” (BACHELARD, 2005 p.18). Nesse sentido se deu a escolha pela imagem poética, em uma busca de um sentido imaginativo reverberações sobre as paisagens, não possuindo pretensões explicativas, e sim permitir o despontar de reflexões sobre as mesmas:

“(...) a poesia tem aqui o mesmo sentido de que fala Manoel de Barros: poesia não é para compreender, nem ser explicada, nem passar informações. É para ser incorporada, para aumentar o mundo, para dar encantamentos...” (QUEIROZ FILHO, 2013 p. 88).

As experimentações esclareceram a imaginação, a deriva permitiu a rasura dos caracteres implícitos pela maquinação do *Google Imagens* e seus repetitivos agenciamentos. Através da imaginação fizeram-se novas imagens que se dão para além destes índices repetitivos, abrindo e permitindo que elas permeassem e fossem permeadas por horizontes incontidos no clichê imagético.

Neste, por sua vez, as coisas que estão para além das imagens não possuem valor, o fotografado torna-se imperativo da verdade. Por outro lado, quando a poesia é utilizada para transformar a imagem, por meio das coisas que não estão inseridas no universo *Google Imagens*, propõe-se a reversão do modelo imaginativo engessado com os clichês imagéticos.

Como na poesia de Manoel de Barros, acionando truques para com a linguagem verbal e construindo outra imagem no imaginário no leitor. Sendo esta uma forma de “desaprender” a ter como informação real o clichê imagético.

“I.
As coisas tinham para nós uma inutilidade poética.
Nos fundos de quintal era riquíssimo o nosso dessaber.
Agente inventou um truque para fabricar brinquedos com palavras.
O truque era só vira bocó”

(BARROS, 2000).

Índices referenciados pelo clichê imagético foram extrapolados pela imaginação, o que posicionou o seu dimensionamento para além do contexto imagético. Sua formação pertence a um universo ímpar, em que contextualizam as experimentações, fontes da construção poética, e se dão como grafias de mundo a ser imaginado, questionando qual visão de mundo a iconografia do *Google Imagens* é disponibilizada e, o que nos quer fazer ver.

Manoel de Barros demonstra ainda em sua poesia “uma prática de pequenas rupturas cujo objetivo é promover o arejamento da linguagem” (SUTTANA, 2009 p.42). Neste contexto, as poesias visuais ora desenvolvidas permeiam intenções para o arejamento dos clichês imagéticos, objetivando uma quebra na repetição agenciada pelo *Google Imagens*.

Isso porque, a poética visual experimentada neste estudo atua, com relação às imagens, utilizando invenções como possibilidades para a imaginação e para o deslocamento de imagens e pensamentos, construindo-se a partir daí uma nova perspectiva de imagem para aquela cidade.

No momento em que uma imagem poética é apresentada como contrapartida ao que o *Google Imagens* fornece, pretende-se um dimensionamento, não somente para o resultado iconográfico obtido com o nome das capitais pesquisadas, mas pensar a prospecção da imaginação, que pode ser alcançada em meio ao processo de sobreposição do clichê imagético pela poesia visual. “Os processos são devires, e estes não se julgam pelo resultado que os findaria, mas pela qualidade dos seus cursos e pela potência de sua continuação” (DELEUZE, 1992 p. 183).

Sendo assim, o processo de construção de poesias visuais não se finda com a conclusão da intervenção poética, passa essa a ser a chave que abre às possibilidades, não a interpretação, pois essa se suplanta no interior de limites, mas de criação e de imaginação, paralela ao processo de imaginação espacial atribuído ao teor imagético disseminado pelo *Google Imagens* e suas atribuições para com o clichê imagético.

Atentando-se para o teor imagético sob análise, as poesias empenham-se em “substituir as formas centrais pelo desenvolvimento contínuo de uma forma que não pára de dissolver ou de se transformar.” (DELEUZE; GUATARRI, 1995 p.38). Por isso, seus resultados não se dão em constantes, mas sim em amplitudes e potencialidades que podem ser obtidas por meio de outras concepções imagéticas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A iconografia resultante, no formato de mosaico, surge à tela do computador e se repete, sob a perspectiva do clichê imagético. Este, por sua vez, atua sobre a imaginação espacial, sendo que a quantificação dessas repetições incide em perpassar através do clichê imagético reproduções embasadas por estigmas e estereótipos ditados por regimes.

Conforme o debate que se constituiu, observou-se que a repetição fluente no modelo iconográfico transmite uma linguagem espacial por meio do clichê imagético, forjando um estilo, uma forma única de se imaginar a cidade a partir dessa iconografia (QUEIROZ FILHO, 2013).

Apoiando-se nesse contexto, as experimentações realizadas por meio de poesias visuais, tendo como referências imagens não contidas no modelo clichê imagético, surtiram efeito sobre esses, demonstrando seus efeitos enquanto “encalços produzidos por essas grafias maiores, por estas hegemonias de pensamento, interpretações dominantes” (QUEIROZ FILHO, 2012, p. 105).

Assim, eles moldam a paisagem da cidade sob uma iconografia característica, estipulada por grafias que se entoam enquanto “maiores”, pois se dão por um procedimento repetitivo de grande acessibilidade, se relacionando diretamente ao estabelecimento da linguagem que irá incidir sobre a imaginação espacial.

A iconografia do Google *imagens* foi analisada distintamente para a palavra “cidade” em primeira instância, fixando o conceito do clichê imagético, assim as imagens resultantes desta busca correspondem às repetições de imagens que pautaram as análises referentes à imaginação espacial.

Partindo do prenúncio de Oliveira Jr. (2009a), que evidencia a realidade como um produto ficcional, entendida também como uma imaginação poderosa que funciona como uma verdadeira ficção, mediando-nos ações e pensamentos, sendo a atuação das fotografias (imagens) dotada de grande potência nessa ficção. Percebeu-se, então, que as imagens resultantes do sistema de busca no *Google Imagens* têm suas condições potencializadas pelo formato clichê imagético, para que realidades sejam imaginadas.

Diante disso, se observada somente pela ótica proposta pela ferramenta analisada (*Google Imagens*), a cidade consiste nos índices simultaneamente

repetidos nas fotografias, que, segundo Deleuze, possuem a seguinte lógica: “O maior interesse da fotografia é nos impor a ‘verdade’” (DELEUZE, 2007, p. 95).

Pautadas no clichê imagético, estas fotografias estariam atribuídas a regimes de visualização do mundo. Entende-se por regime o processo de educação visual que ensina os olhos a enxergarem o que está exposto como suficiente dose de realidade, nas palavras de Deleuze e Guatarri: “Um regime alimentar, um regime sexual regulam, antes de tudo, misturas de corpos obrigatórias, necessárias ou permitidas” (DELEUZE; GUATARRI, 1995 p. 31).

O presente estudo também problematizou os clichês imagéticos junto à imaginação espacial, sendo que imaginar o espaço é designar uma imagem para o mesmo. Neste contexto, o *Google Imagens* se dá como a imaginação possível do “cérebro eletrônico”, o computador, com o auxílio da internet, pode navegar por um universo informacional em que seu limite está em constante expansão

De tal universo saltaram inúmeros tipos de imagens como resultado da pesquisa para a palavra “cidade”, bem como para os nomes das capitais brasileiras ora analisadas, já que ambas as pesquisas foram inspiradas na mesma lógica e mostram a ocorrência do clichê imagético, sendo os dois resultados ilustrados por meio de mosaicos de imagens.

Sendo assim, tanto a primeira pesquisa, cujo objeto foi unicamente a palavra “cidade”, como a segunda, em que foram pesquisadas imagens relativas à paisagem urbana de cada uma das cinco capitais brasileiras já mencionadas separadamente, trazem como resultado clichês imagéticos.

Destaca-se que os nomes dessas capitais, se fossem analisados em seu contexto mais simplório, qual seja, imagem e palavra, eles não deveriam ser indicados como imagens urbanas, eis que consistem em adjetivos, substantivos e nomes próprios, que se entrecruzam e nomeiam as respectivas capitais.

Aproveitando-se das questões sobre a iconografia do *Google Imagens*, e os clichês imagéticos em suas relações com a imaginação espacial, a poesia visual surgiu como uma tentativa de estimular a imaginação espacial para além destes clichês imagéticos e assim questionar o padrão estabelecido pelo *Google Imagens*.

Desta forma, a poesia visual foi utilizada como movimento para sobrepujar-se sobre o clichê imagético e visualizar as grafias de mundo que se constituíram no interior de uma discussão sobre a modelação da imaginação espacial, conformadas

e determinadas por repetições e por uma lógica estabelecida para se apresentar as imagens sobre as cidades no *Google Imagens*.

As inspirações em poetas e artistas contribuíram para essa discussão, que se dá como permanente e aberta, sobre imagens e seus panoramas sobre a realidade, isso porque nas palavras de Farah, citando Sansot, “os poetas são capazes de captar ‘magneticamente esses apelos de liberdade, essas origens de universo, essas derivas de sentido’ que emanam de cada lugar” (FARAH, 2008, p. 59).

Portanto, a partir de uma produção para além do clichê imagético, aspirações do próprio artista, tencionando a linguagem-imagem para além dela mesma, surgem novas possibilidades, respostas que reverberam da imaginação individual para além do que já está estabelecido, trazendo novos significados a imagens a partir de outras grafias possíveis, para fazer o pensamento fluir. Essa é a ideia de imaginação para além da expressão fotográfica do clichê imagético.

Linguagem, imagem e imaginação mantidas por reverberações poéticas, sobre o clichê imagético exemplificam a expressão atípica que para Deleuze e Guatarri (1995 p.36), constitui um extremo de desterritorialização da língua, representam o papel de tensor, fazendo com que a língua tenda ao limite de seus elementos, formas ou noções, em direção a um aquém ou um além da língua.

No entanto, as imagens construídas a partir de uma visão poética constituem-se, ainda, como manifestações minoritárias, sendo atípicas do contexto iconográfico estabelecido, representam a realidade a partir do incomum, tencionam a linguagem homogênea e repetida majoritariamente e acabam possibilitando que reverberações “menores” sejam dimensionadas pelo devir.

“É por isso que devemos distinguir: o majoritário como sistema homogêneo e constante, as minorias como subsistemas, e o minoritário como devir potencial e criado, criativo” (DELEUZE; GUATARRI, 1995 p. 44).

Os clichês imagéticos estipulados pelo *Google Imagens* para essas cidades se fizeram de substrato para a germinação das poesias, que os permitiu fluir por outras linhas imaginativas intuídas por criatividade, dando-se como processos para

uma desconstrução poética dos clichês imagéticos, em que se sobressaia a imaginação e não a repetição.

As revisões em bibliografias permitiram os diálogos com os autores, para então a partir dos resultados da segunda pesquisa iconográfica, voltada para os nomes referentes às capitais, serem realizadas as propostas de linhas de fuga para o clichê imagético a partir de outras imaginações sobre essas cidades, apontando na prática através das imagens que inspiraram às poesias.

Assim, a partir das imagens resultantes da pesquisa iconográfica para cada nome de capital verificaram-se os clichês imagéticos e a partir daí foram traçadas as linhas de fuga impulsionadas pelas poesias visuais que se deram a partir das imagens contidas fora do clichê imagético.

Levando-se em conta o que foi observado após a conclusão das poesias, verificou-se possibilidades de se discutir conceitos e modelos que refletem cotidianamente no modo de se imaginar o espaço por meio delas.

Concluiu-se, ademais, que poesia e imaginação podem submeter à fuga tais clichês imagéticos fazendo com que a imaginação espacial seja dimensionada para além deste método padronizado pela ferramenta “Google Imagens”, restabelecendo sua condição enquanto potência humana.

Ainda que o clichê imagético seja um forte mediador entre a imaginação e o espaço, as poesias visuais podem amparar verdades e constituir uma imaginação vindoura, evidenciando-o, assim, como um ditado estabelecido por repetição.

Todavia, o presente estudo apresenta resultados cujo domínio pode conduzir a implicações para o pensamento espacial e suas referências junto aos mecanismos estipulados majoritariamente, como a visualização no *Google Imagens*, por exemplo, constatadas por meio dos clichês imagéticos sob uma ótica homogeneamente estabelecida. Portanto, pode ser importante ter estes elementos sob questionamento no que tange à denotação de espaço geográfico que se pretende dar.

Este estudo apresenta algumas limitações, notavelmente no nível das amostras iconográficas, ademais as cinco capitais brasileiras foram escolhidas limitadamente, impossibilitando a extrapolação para a totalidade das cidades brasileiras. As imagens resultantes das pesquisas são inúmeras, no entanto optou-se pela abordagem somente à primeira página de cada mosaico de imagens resultante das pesquisas.

Apesar das limitações identificadas, considera-se que o estudo realizado permitiu conhecer a ordem das iconografias provenientes do *Google Imagens*, o estabelecimento dos clichês imagéticos e suas premissas para com a imaginação espacial, levando em consideração outras possíveis grafias de mundo dimensionadas por poesia, imaginação e arte, porém de valores para a Geografia.

Futuras investigações poderiam validar-se por outros campos ainda provindos de outras ferramentas do *Google* ou da *Internet* de um modo geral, apontando para uma gama infindável de recursos para se pensar e imaginar os espaços e suas possíveis relações com imagens.

Sugere-se, ainda, um estudo utilizando algumas das variáveis possíveis, como a ferramenta *Google Street View*, analisando a percepção espacial de um universo de crianças relacionada ao meio de transporte que utilizam para transitarem pelos lugares, no intuito de gerar um quantitativo sobre possíveis fenômenos para imaginação espacial para com esse universo infantil.

Assim, este estudo constitui uma contribuição para o conhecimento das possibilidades de mecanismos majoritariamente estabelecidos e suas grafias de mundo configuradas na repetição que engessa a imaginação logo, a geografia, em um modelo este que se apóia em aparelhos contemporâneos, os quais se tornam cotidianamente aliados a difusão de uma imaginação que suprime o que poderiam ser ou o que são também os espaços e paisagens urbanas.

5. REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo**. Chapecó: Argos. 2013. 92 p.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 2005. 242.

BARROS, M. de. **Livros sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. **Gramática Expositiva do Chão**. Rio de Janeiro: Record. 2007.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras. 1990.

COLLOT, Michel. **PONTOS DE VISTA SOBRE A PERCEPÇÃO DAS PAISAGENS**. BOLETIM DE GEOGRAFIA TEORÉTICA. RIO CLARO: ASSOCIAÇÃO DE GEOGRAFIA TEORÉTICA. 20 1990.

CURVELLO, Aricy. **Mais que os nomes do nada**. São Paulo: Editora do Escritor, 1996.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. 1ª. São Paulo: Editora 34, 1992. 232.

_____. **Francis Bacon Lógica da sensação**. Rio de Janeiro: Estéticas, 2007. 183.

_____. GUATARRI, Félix. **Mil Platôs Capitalismo e Esquizofrênia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. 107.

FARAH, Ivete. **Poética das Árvores Urbanas**. Rio de Janeiro, RJ: FAPERJ, Mauad X, 2008. 236.

FERRAZ, Maria. Cristina. F. **IMAGEM E CLICHÊ: REFLEXÕES INTEMPESTIVAS**. Rio de Janeiro: 11 p. 2011.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo: Hucitec, 1985. 48.

FRONCKOWIAK, A. C.; RICHTER, S. **A POÉTICA DO DEVANEIO E DA IMAGINAÇÃO CRIADRA EM GASTON BACHELARD**. I SEMINÁRIO EDUCAÇÃO, IMAGINAÇÃO E AS LINGUAGENS ARSTÍSTICOS-CULTURAIS. SANTA CATARINA: 11 p. 2005.

GODOY, Ana. **a menor das ecologias**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. 336.

GOOGLE, *Google imagens* Em <<https://www.google.com.br/#q=imagens>> Consulta realizada em: Novembro de 2013

HORODYSKI, G. S.; NITSCHKE, L. B.; OLIVEIRA, D. M. S. D.; BIESEK, A. S. **GASTON BACHELARD E O ESPAÇO POÉTICO: CONTRIBUIÇÕES PARA A GEOGRAFIA E O TURISMO. RA'E GA O ESPAÇO GEOGRÁFICO EM ANÁLISE.**

Curitiba: Departamento de Geografia – UFPR. 22 2011.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 1982. 208.

MANINI, Miriam. **Os usos da iconografia no ensino e na pesquisa: O acervo multimeios do arquivo Edgard Leuenroth.** Cadernos AEL. Campinas: Centro de Pesquisa e Documentação Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). 5/6 1996/1997.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MERLEAU-PONTY, **Fenomenologia da Percepção.** São Paulo: Martins Fontes. 1999.

MCLUHAN, Marshall.; WATSON, Wilfred. **Do clichê ao Arquétipo.** Rio de Janeiro: Record, 1971. 246.

MURAD, Carlos. Antônio. **A imaginação criadora e o gesto projetual.** Revista Estudos em Design: Departamento de Comunicação Visual. VII 1999.

SANTOS FILHO, V. G. Dos. **Palimpsestos Gráficos.** Independente. Vitória: I 1996 45.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao M. **IMAGINAÇÃO E PESQUISA: APONTAMENTOS E FUGAS A PARTIR D'A POÉTICA DO ESPAÇO.** *Educação e Sociedade.* Campinas. 29 2007.

_____. **Fotografias falam alto do que vem a ser o (nosso) mundo o caso do encarte "megacidades", do jornal "O Estado de São Paulo".** Campinas: 16 p. 2009a.

_____. **Fotos em Sites e Geografias da Cultura Contemporânea.** Geografares. Vitória ES: Mestrado e departamento de Geografia UFES 2009b.

_____. **Grafar o espaço, educar os olhos rumo à geogrfaias menores.** Proposições, Campinas, v. 20, Sept/Dec. 2009 2009c. ISSN 0103-7307. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73072009000300002> >.

_____. **Videos, Resistências e geografias menores.** Terra Livre. São Paulo: Solidus. 1 2010.

_____. **Lugares Geográficos e(m) Locais Narrativos: Um Modo de se Aproximar das Geografias de Cinema.** In: E. Marandola, W. Holzer e L. D. Oliveira (Ed.), 2012, p.

OLIVEIRA, Vera. Lúcia. **Atravessamento de Fronteiras.** Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2009.

PEIXOTO, Nelson. Brissac. **Paisagens Urbanas.** São Paulo: Marca D'água, 1996. 436.

PIGNATARI, Décio. **Comunicação Poética.** 3ª. São Paulo: Editora MORAES, 1981. 59.

QUEIROZ FILHO, A. Carlos. **Desviando Olhares: estéticas-políticas dos relatos de viagem.** Geograficidade. Niterói. 3 2012.

_____. **Poéticas urbanas e suas geograficidades: desaprendendo a gramática visual do mesmo.** Geograficidade. 3 2013.

_____. Paisagens e Poéticas Urbanas entre imagens palavras e rasuras. II Simpósio Nacional de Geografia, Literatura e Arte, 2013, USP. p.16.

REBELLO, Michele. Cristine. M. **A poética urbana de MAuricio Salgueiro.** 2013. 101 Dissertação (Mestrado). Centro de Artes, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

REBOUÇAS, Fernando. Iconografia. Disponível em:
< <http://www.infoescola.com/artes/iconografia/> >. Acesso em: Novembro de 2013.

SOUZA SANTOS, Boavenura. de. **Um discurso sobre as ciências.** Porto: Afrontamento. 1996.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia** São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 223.

SUTTANA, Renato. **Uma Poética do Deslimite.** Dourados-MS: UFGD, 2009. 128.

WIKIPÉDIA. A enciclopédia livre Em:
<[HTTP://PT.WIKIPEDIA.ORG/WIKI/INSTAGRAM](http://pt.wikipedia.org/wiki/Instagram). **Instagram** 2013>. Consulta realizada em: Novembro de 2013